

# Idéias



EM REVISTA

Revista mensal do Sindicato dos Servidores  
das Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro  
ANO II, número 8 – Janeiro / 2007

## Vitória da mobilização pelo PCS

- A tabela do PCS
- Fotos: América Nativa
- Entrevista: Eduardo Galeano

# Botequim do Sisejufe IV apresenta: grande baile pré-carnavalesco a Fantasia **Baile da Vitória do PCS**



Com  
Roberta Nistra e Banda

Dia 16/02 (sexta-feira)  
A partir das 18h

LOCAL:

**QG Music Hall**

Rua da Quitanda, 106 Centro  
Tels: 2233-8878 e 9703-5295

*SISEJUFE faz baile pré-carnavalesco, a fantasia, para comemorar plano de cargos e salários.*

*Corra para pegar seu convite! Somente para sindicalizados!*

*Será uma grande festa, lembrando o carnaval de salão de outras épocas, com músicos que animam o carnaval do Copacabana Pallace.*

*Marchinhas e sambas antológicos estarão no cardápio musical. Convites gratuitos para sindicalizados, você só paga o que consumir.*

Convites com:

Roberto (JF Rio Branco) - 2510-8748

Márcio Marques ou Otton (TRF) - 2276-8013

Ricardo e Dulavim (JF Venezuela) - 2510-8577

David e Nilton (TRT) - 2212-9339 (Segurança)

Valeu SISEJUFE-RJ!

A luta foi grande, difícil, árdua e sofrida, mas valeu a pena. Sabemos que a nossa pequena e merecida remuneração será motivo de críticas pelos mais diversos setores da sociedade, principalmente daqueles que estão acostumados a concentrar a riqueza em suas mãos, conforme acontece desde que a família real portuguesa chegou a este país. A maioria da população não tem consciência de que vivemos num país que tem por obrigação remunerar melhor seus trabalhadores. Foi convencida de que ganhar um mísero salário, baseado no mínimo é o máximo a que tem direito. Não consegue

refletir que os baixos salários que recebe são o combustível que mantém a atual concentração de renda que coloca o Brasil na vergonhosa posição de um dos líderes de concentração de renda do mundo. Ninguém pode ganhar um pouquinho a mais, que é considerado privilegiado, um marajá, já que a maioria da população ganha, quando pode o salário mínimo. Tenho fé que um dia tudo isso mudará e todos os brasileiros terão um salário digno que merecem, para gozar do lazer com familiares e filhos da forma que merecem.

Um abraço a todos, Parabéns,  
José Mauro da Silva Rio de Janeiro.

Curso de História da Arte  
Gostaria de parabenizar a atual diretoria pela iniciativa de oferecer aos sindicalizados o Curso de História da Arte que, infelizmente, está se encerrando. Vamos ficar com saudades. Aproveito para solicitar a vocês o exame da possibilidade de que haja novo curso nesta área, nos moldes do que foi oferecido ano passado. O curso foi, realmente, extremamente enriquecedor. A professora escolhida para ministrá-lo, Juliana Rodrigues, se mostrou bastante atualizada, didática e disponível para nos atender sempre que solicitada. Se fosse possível

renovar o contrato com ela, seria ótimo. Fica, aqui, a sugestão. Talvez pudessemos fazer um módulo sobre Arte Brasileira. Tenho certeza de que o interesse no tema não é só meu. Caso queiram ratificar a idéia através de uma pesquisa, estou certa de que muitos companheiros da atual turma, bem como novos interessados, mostrarão bastante disposição em integrar novo grupo.

Atenciosamente,  
Maria de Fátima Esteves Bandeira de Mello  
Técnica Judiciário do TRF

**SISEJUFE**

Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE PROVISÓRIA: Senador Dantas 117 - Sala 1541 - Centro - Rio de Janeiro-RJ CEP 20031-911

TEL./FAX: (21) 2215-2443

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: [imprensa@sisejuferj.org.br](mailto:imprensa@sisejuferj.org.br)

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silveira da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Junior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Mário Augusto Jakobskind (RJ 13.389/JP)

REDAÇÃO e REVISÃO:

Max Leone (Mtb 18.091)

ASSESSORIA POLÍTICA:

Márcia Bauer

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:

Claudio Camillo (Mtb 20.478)

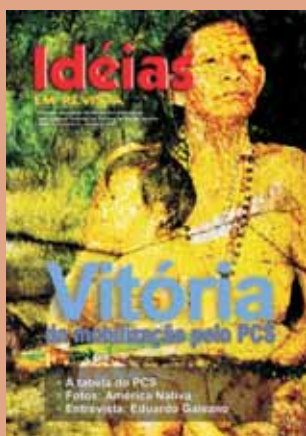
ILUSTRAÇÃO:

Latuff

IMPRESSÃO:

PALAVRAS PINTADAS Editora e Gráfica Ltda. (6.500 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



PCS: Vitória da luta da greve no piquete	2	Entrevista com Eduardo Galeano	21
Categoria elege delegados para VI Congrejufe	6	O lado obscuro da World Wildlife Foundation	24
Fenajufe: 1º Encontro Nacional de Gênero	7	Miriam Leitão, a Controladora Geral da União	25
Ministros do STF votam contra os Quintos	8	Lula discute rumos do novo mandato	26
Aposentadoria especial aprovada na CAS	9	Perspectivas da CUT para 2007	27
Toda palavra guarda uma cilada	10	Neoliberalismo no futebol	28
Que tudo se realize no ano que vai nascer	11	Desenvolvimento com sustentabilidade	29
a (i)lógica do capital financeiro	12	O segundo governo Lula	30
Foucault e o Assédio Moral	13	Ninguém segura Alexandre Gracinha	31
Apoio à soberania do povo cubano	14	Prisão de Muñoz: violência contra jornalismo	32
A sombra de Pinochet	15	Israel adota o que África do Sul deixou	33
A morte de um canalha	16	Golpe de Estado petrolífero no 11 de setembro	34
Governo faz justiça com terras indígenas	17	Argentina recupera ex-Centro Clandestino	35
Exposição América Nativa	18	Fausto Wolff: No fim da história o índio morre	36
O ódio à esquerda e aos latino-americanos	20		

# PCS: **Vitória** da luta,

*Mobilização da categoria e estratégia da FENAJUFE e do SISEJUFE-RJ transformam sonho em realidade*



**D**epois de quase dois anos de muita luta, finalmente, nosso Plano de Cargos e Salários, o PCS 3, agora é lei. E seu número oficial 11.416 (a íntegra do texto pode ser encontrada em <http://sisejuferj.org.br>). Somente a luta tornou o projeto realidade. O PCS é fruto de uma campanha continuada, de várias paralisações, muito lobby e de uma greve de mais de 60 dias, que foi

decisiva na hora em que o projeto esteve ameaçado. Como tudo que nós conquistamos – o PCS 2, a GAI de 30%, os 11,98%, o juros dos 11,98%, os quintos – é fruto de luta, de organização, de persistência, de negociação, de saber que a única coisa que cai do céu é chuva, todo o restante tem de ser conquistado na pressão.

Está de parabéns a categoria por atender ao chamado da

FENAJUFE e do SISEJUFE-RJ e ter ido para a rua brigar pelo projeto. Mas está de parabéns também por ter separado o joio do trigo, não caindo na provocação de quem tentou desestabilizar a greve e jogar a confiança da categoria contra a direção do movimento.

É bom lembrar que a oposição, que difamou a FENAJUFE e o SISEJUFE-RJ foi a maior responsável





## Parcelamento FC CJ

PARCELAMENTO CJ OPÇÃO CARGO EM COMISSAO							
		15%	Aumento	30%	Aumento	45%	Aumento
CJ/FC	ATUAL	1a. Parcela	em R\$	2a. Parcela	em R\$	3a. Parcela	em R\$
CJ-4	7.791,17	8.375,51	584,34	8.959,85	1.168,68	9.544,19	1.753,02
CJ-3	6.901,68	7.419,31	517,63	7.936,93	1.035,25	8.454,56	1.552,88
CJ-2	6.071,16	6.526,50	455,34	6.981,83	910,67	7.437,17	1.366,01
CJ-1	5.297,24	5.694,53	397,29	6.091,82	794,59	6.489,12	1.191,88

PARCELAMENTO CJ OPÇÃO CARGO EM COMISSAO							
		60%	Aumento	80%	Aumento	100%	Aumento
CJ/FC	ATUAL	4a. Parcela	em R\$	5a. Parcela	em R\$	6a. Parcela	em R\$
CJ-4	7.791,17	10.128,52	2.337,35	10.907,64	3.116,47	11.686,76	3.895,59
CJ-3	6.901,68	8.972,19	2.070,50	9.662,35	2.760,67	10.352,52	3.450,84
CJ-2	6.071,16	7.892,51	1.821,35	8.499,62	2.428,46	9.106,74	3.035,58
CJ-1	5.297,24	6.886,41	1.589,17	7.416,14	2.118,90	7.945,86	2.648,62

PARCELAMENTO FC CJ OPÇÃO CARREIRA EFETIVA							
		Total	Aumento	Total	Aumento	Total	Aumento
CJ/FC	ATUAL	1a. Parcela	em R\$	2a. Parcela	em R\$	3a. Parcela	em R\$
CJ-4	2.986,74	3.678,19	691,45	4.369,64	1.382,90	5.061,09	2.074,34
CJ-3	2.687,66	3.293,88	606,22	3.900,10	1.212,44	4.506,33	1.818,66
CJ-2	2.389,39	2.918,89	529,50	3.448,39	1.059,00	3.977,88	1.588,50
CJ-1	2.090,31	2.551,48	461,18	3.012,66	922,35	3.473,83	1.383,53
FC-06	1.792,04	1.984,09	192,05	2.176,14	384,09	2.368,18	576,14
FC-05	1.523,27	1.629,64	106,37	1.736,00	212,73	1.842,37	319,10
FC-04	1.253,69	1.356,62	102,93	1.459,55	205,86	1.562,48	308,79
FC-03	984,92	1.044,04	59,12	1.103,17	118,25	1.162,29	177,37
FC-02	775,97	837,33	61,36	898,70	122,72	960,06	184,08
FC-01	597,34	660,62	63,27	723,89	126,55	787,16	189,82

PARCELAMENTO FC CJ OPÇÃO CARREIRA EFETIVA							
		Total	Aumento	Total	Aumento	Total	Aumento
CJ/FC	ATUAL	4a. Parcela	em R\$	5a. Parcela	em R\$	6a. Parcela	em R\$
CJ-4	2.986,74	5.752,53	2.765,79	6.674,46	3.687,72	7.596,39	4.609,65
CJ-3	2.687,66	5.112,55	2.424,89	5.920,84	3.233,18	6.729,14	4.041,48
CJ-2	2.389,39	4.507,38	2.118,00	5.213,38	2.823,99	5.919,38	3.529,99
CJ-1	2.090,31	3.935,01	1.844,70	4.549,91	2.459,60	5.164,81	3.074,50
FC-06	1.792,04	2.560,23	768,19	2.816,29	1.024,25	3.072,36	1.280,31
FC-05	1.523,27	1.948,74	425,46	2.090,56	567,29	2.232,38	709,11
FC-04	1.253,69	1.665,41	411,72	1.802,65	548,96	1.939,89	686,20
FC-03	984,92	1.221,41	236,49	1.300,24	315,32	1.379,07	394,15
FC-02	775,97	1.021,42	245,44	1.103,23	327,26	1.185,05	409,07
FC-01	597,34	850,44	253,09	934,80	337,46	1.019,17	421,82

Observações:

Os valores do Anexo VII, do texto substitutivo, são menores que os valores acima das CJ de 1 a 4 Opção Carreira Efetiva.

# Categoria elege representantes para o VI Congrejufe

*O SISEJUFÉ-RJ realizou assembléia no dia 7 de dezembro de 2006 para eleger sua delegação para o VI Congresso Nacional da FENAJUFÉ (VI Congrejufe). Participaram da reunião 120 servidores sindicalizados, ultrapassando o quórum necessário, que era de 117. Duas chapas disputaram as vagas de delegados. A Chapa 1 - Ética e Transparência - obteve 67 votos e a Chapa 2, 14 votos, totalizando 81 votantes no momento da eleição, ultrapassando o quórum mínimo necessário (35% da assembléia). Os participantes seguiram as orientações da FENAJUFÉ para definição da bancada de representantes. Portanto, o SISEJUFÉ-RJ participará do Congresso com 39 delegados, sendo 33 da Chapa Ética e Transparência e 6 delegados da Chapa 2.*

**N**a avaliação da diretoria do SISEJUFÉ-RJ, este será um dos maiores Congressos da história da FENAJUFÉ, muito importante do ponto de vista das perspectivas de luta para o próximo período, quando será discutido o nosso plano de carreira, no qual tentaremos implementar a jornada de 6 horas.

Na contramão do movimento, a Chapa 2 chegou a entrar com recurso para anular a assembléia. A diretoria do SISEJUFÉ-RJ não acatou o pedido, por entender que a reunião foi legítima, com a participação de servidores de to-

**“Na avaliação da diretoria do SISEJUFÉ-RJ, este será um dos maiores Congressos da história da FENAJUFÉ, muito importante do ponto de vista das perspectivas de luta para o próximo período”**

dos os tribunais e com o quórum regimentalmente pedido pela Federação.

O VI CONGREJUFÉ será realizado

de 28 de março a 1º de abril em Gramado, no Rio Grande do Sul. Da pauta constam os seguintes itens:

- 1 - Conjuntura: Nacional e Internacional;
- 2 - Plano de Carreira;
- 3 - Balanço da Atuação da FENAJUFÉ e prestação de contas do período de maio de 2006 a fevereiro de 2007;
- 4 - Alterações Estatutárias e Regimento Eleitoral;
- 5 - Plano de Lutas;
- 6 - Eleição da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal;
7. Moções ■

## Recesso no TRF da 2ª Região continua até o dia 6 de janeiro

Decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em ação que julgou a inconstitucionalidade do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) ao regulamentar as férias dos juízes, obrigou o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF) a cancelar a decisão em que concedia férias coletivas aos magistrados e acabava com o recesso até o dia 6 de janeiro. Devido a esta determinação do TRF, a dire-

ção do SISEJUFÉ-RJ protocolou dois requerimentos administrativos no Tribunal e no Conselho Nacional de Justiça. O do TRF foi distribuído ao desembargador André Fontes.

Antes da apreciação do mérito, aconteceu a decisão do STF e, por causa disto, no dia 7 de dezembro de 2006, na reunião do Conselho de Administração do TRF, foi decidido, com base na decisão do Supremo,

que seria revogada a resolução e ficaria mantida a determinação anterior que fixa o recesso até o dia 6 de janeiro.

Também foi julgado o requerimento apresentado pelo SISEJUFÉ-RJ ao Conselho Nacional de Justiça sobre o recesso dos Tribunais até o dia 6 de janeiro. O CNJ deu ganho de causa ao Sindicato, ratificando a manutenção do recesso até o dia 6 de janeiro ■



Vanessa Galassi\*

**D**e acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2005, o número de mulheres com dez anos de idade ou mais no Brasil é de 78.945.458. Dentre elas, 41.741.144 (52,88%) são economicamente ativas, ou seja, colaboram com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural do país. Ainda assim são correntes as manifestações de machismo, preconceito, desvalorização do salário, agressão em casa, entre outros pontos. A FENAJUFE, ciente da necessidade e abrir um amplo debate sobre essas questões, realizou em 8 de dezembro o I Encontro Nacional de Gênero da Federação, oportunidade em que puderam ser discutidas as problemas que tanto afetam as companheiras.

Durante o encontro, foram abordados os temas “Livre orientação sexual”, palestra proferida por Ana Naiara Malavolta, servidora do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 4ª Região; “A mulher no parlamento”, assunto abordado por Ângela Albino, vereadora em Florianópolis (SC) e diretora do Sintrajusc/SC; e “A mulher no serviço público: assédio moral e sexual”, cuja palestrante foi Clair Castilhos, doutora em Saúde Pública, professora da UFSC e presidente da Casa da Mulher Catarinense. Em todos os temas, o público presente participou ativamente dos painéis fazendo perguntas e sugerindo encaminhamentos. Todas as propostas serão levadas à diretoria executiva da Federação.

Em pleno século XXI ainda são primitivas as considerações gerais feitas em relação ao gênero. A questão do suposto sexo frágil ainda vem à tona quando o assunto em pauta é a mulher. É por esses e outros motivos que encontros sobre a questão de gênero, como o promovido pela Fe-

## FENAJUFE realiza o 1º Encontro Nacional de Gênero



deração, são de importância ímpar no cenário atual, pois vê-se que mais de 50% da população brasileira, representada pelas mulheres, ainda sofre agressões, desvalorização profissional, preconceito, etc. A FENAJUFE, a partir desse encontro, engajará, ainda mais, em sua bandeira de luta a questão do gênero. O I Encontro Nacional de Gênero da FENAJUFE contou com a participação de mais de 40 representantes dos sindicatos filiados

à Federação como Sintrajuf-PE, Sintrajufe-RS, Sintrajud-SP, SISEJUFE-RJ, Sitraemg-MG, Sindjufe-BA, Sintrajufe-PI e Sindjus-DF; e da Assejus/CE, associação convidada para participar do evento. O encerramento foi feito pelo grupo de percussão feminino Batalá, que agitou o público com batuque de bumbos e caixas ■

(\*) da Imprensa FENAJUFE

# Três ministros do STF votam contra a AGU no processo dos quintos



O Supremo Tribunal Federal (STF) analisou no dia 13 de dezembro de 2006 o mandado de segurança 2.5845/DF protocolado pela Advocacia Geral da União (AGU) contra o possível ato da Presidência do Tribunal de Contas da União (TCU), impugnando a concessão dos quintos com base no acórdão 2.248/2005, do TCU, que entendeu ser possível a incorporação dessa gratificação no período de 8 de abril de 1998 a 4 de setembro de 2001.

A sustentação da Presidência do TCU e a intervenção do Sindilegis foram baseadas no fato de que o ato administrativo do secretário de administração do Tribunal de Contas foi praticado por competência delegada. Na primeira parte do julgamento foi discutida a intervenção no feito por parte do Sindilegis, que havia sido indeferida pelo ministro-relator, Joaquim Barbosa, decisão da qual se interpôs agravo regimental. Na ocasião, foi dado provimento à unanimidade, para acei-

***“Na segunda parte do julgamento, o relator do processo entendeu que o ato administrativo não poderia ter sido praticado pelo secretário de administração e caminhava no sentido da ilegalidade da concessão dos quintos”***

tar a intervenção do Sindilegis na qualidade de litisconsorte no passivo necessário.

Em seqüência, foi feita a sustentação oral por parte do advogado do Sindilegis, Ibaneis Rocha Barros Júnior, que apontou a ilegitimidade do presidente do TCU para impugnar a concessão da gratificação, e em seqüência a incompetência absoluta do STF para julgar o mérito da legalidade do ato administrativo. Na segun-

da parte do julgamento, o relator do processo entendeu que o ato administrativo não poderia ter sido praticado pelo secretário de administração e caminhava no sentido da ilegalidade da concessão dos quintos.

Após o debate no plenário da corte, o ministro Cezar Peluzo entendeu estar prejudicado o mandado de segurança, diante da evidente prática do ato administrativo do secretário de administração do TCU em data anterior a impetração do mandado de segurança. Nesse sentido, foi acompanhado pelos ministros Sepúlveda Pertence e Carlos Brito que anteciparam seus votos. No entanto, o ministro Gilmar Mendes pediu vistas do processo.

Desde que a AGU impetrou mandado de segurança, a FENAJUFE e o Sindjus/DF formularam memoriais, que foram entregues pelo coordenador-geral da Federação, Roberto Policarpo, junto com o advogado Ibaneis Júnior em todos os gabinetes dos ministros do STF ■

# Comissão do Senado aprova aposentadoria especial para servidores públicos

Agência Senado

*A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) aprovou em dezembro de 2006 substitutivo a três projetos de leis complementares que tramitavam em conjunto e previam a concessão de aposentadoria especial, aos 25 anos de contribuição, a servidores públicos em três condições específicas:*

*servidores portadores de deficiência; funcionários que trabalham em atividades de risco, como policiais; e os que exerçam funções sob condições especiais que prejudiquem sua saúde ou integridade física. A matéria vai para deliberação em plenário. Os três projetos já foram aprovados em conjunto na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC), com relatório do senador Rodolpho Tourinho (PFL-BA). Na CAS, receberam parecer com substitutivo do senador Geraldo Mesquita Júnior (PMDB-AC).*



REPRODUÇÃO

**D**e acordo com projetos de autoria do senador Antônio Carlos Valadares (PSB-SE), a aposentadoria especial será devida a servidores titulares de cargos efetivos da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, inclusive autarquias e fundações, que exerçam atividades que os exponham a agentes nocivos químicos ou biológicos, de maneira permanente ou habitual, excluindo atividades ocasionais ou intermitentes. O PLS 68/03 exige tempo mínimo de dez anos de serviço público e cinco anos no cargo para o funcionalismo ter direito a aposentadoria especial aos 25 anos de trabalho, independentemente de idade do servidor. No caso de trabalho em atividades de mineração subterrânea, por exemplo, o tempo exigido para aposentadoria pode ser menor: 15 ou 20 anos de trabalho.

O PLS 250/05, de autoria do senador Paulo Paim (PT-RS), também concede aposentadoria aos 25 anos de trabalho aos servidores portadores de deficiência. A deficiência definida no texto como limitação físico-motora, mental, visual, auditiva ou múltipla, que torne o servidor sem condições econômicas, para sua inserção social regular. O PLS 8/06, do senador Marco Maciel (PFL-PE), prevê aposentadoria depois de 25 anos de trabalho aos servidores públicos portadores da deficiência física conhecida como Síndrome da Talidomida. O relator acatou, em seu parecer, emenda de Paim ao PLS 68/03, para incluir, entre os servidores que podem requerer aposentadoria especial com 25 anos de trabalho, aqueles que exerçam atividades com risco de vida, como policiais, peritos e agentes penitenciários ■

# Toda palavra guarda uma cilada

Paulo José Cunha (\*)

Manuel Bandeira dizia que a tarefa de fazer letra encaixar numa melodia, era de amargar. Nas parcerias com Vila-Lobos e Jayme Ovalle ("Vai, azulão, azulão, companheiro, vai...") limitava-se a achar palavras que fizessem corpo com o compasso e o sentimento da melodia. "Lidas sem a música, as palavras não valem nada", lamentava-se.

Torquato Neto, o poeta da Tropicália, não. Ao que se saiba, a única letra que fez sobre esboço de melodia foi o delicioso "Sambinha da Brasa Samba, de Teresina", em parceria com Silizinho, em 1971. Gilberto Gil me contou que nunca fez melodia para Torquato botar letra. Torquato era que chegava com a letra para receber a melodia. No processo de criação, os dois faziam retoques.

"Embora não tocasse nenhum instrumento, Torquato tinha muita sensibilidade musical. Quando escrevia uma letra já vislumbrava o acento emocional que uma determinada melodia ia dar. Era um esteta", disse Gil, parceiro em pérolas como "Louvação", "A Rua", e "Geléia Geral". Por isso me atrevo a dizer que, em Torquato, a palavra não se "anulava" e muito menos se abastardava em contato com a melodia.

O poeta Ronaldo Werneck ("Dentro & Fora da Melodia", novembro de 2001), não considera poesia, a palavra feita para servir de letra de música, a menos que já se produza com objetivo de ser obra poética. Veja-se Vinícius. Quando escreveu "Eu sei que vou te amar/ Por toda a minha vida eu vou te amar..." estava fazendo letra de música da melhor qualidade. Letra que, em quase todas as gravações, sempre se faz acompanhar da recitação do belo "Soneto da Fidelidade" ("Em tudo ao meu amor serei atento..."). Mas não se leia em voz alta "Eu sei que vou te amar". Nem se tente por melodia nos versos do soneto.

Tal como é difícil recitar em voz alta os versos de Bandeira para a canção de Ovalle: "Vai Azulão/ Azulão companhei-



ro vai/Vai ver minha ingrata/ Diz que sem ela/ O sertão não é mais sertão/ Ah, voa, Azulão/ Azulão, companheiro vai..." Assim como é igualmente difícil recitar, sem cair no mais atroz ridículo (que mestre Bandeira me perdoe por colocá-lo no mesmo balaio junto com Carlinhos Brown): "Poeira lá rá rá /capoeira lá rá rá/ Terça-feira capoeira lá lá lá/ Tô no pé de onde der lá rá rá rá..." Meu atrevimento ao citar Bandeira avec Brown tem o objetivo de exemplificar a diferença entre dois "gêneros" de composição, que em Torquato se confundiam.

Formado em Drummond, Cabral, o próprio Bandeira e todos os cantadores de feiras, sambistas e boleristas, Torquato exigia que a palavra, quando cantada, mantivesse a mesma voltagem poética. Fazia concessões, quase todas em função da métrica e da prosódia. "Vou fazer a louvação, louvação, louvação/ Do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado" só saiu com as repetições porque o ritmo exigia. Do contrário sairia: "Vou fazer a louvação do que deve ser louvado".

Augusto de Campos, na primeira edição de "Os Últimos Dias de Paupéria" diz que só um verdadeiro poeta para produzir versos com a qualidade desses: "Mãe, mãe, não chore/ Eu quero eu posso eu fiz eu quis/ Mãe, seja feliz". Sem falar em alguns trechos de "Louvação" que dá vontade de ferrar em bronze e colocar no meio da praça. Já o Torquato-apenas-poeta (não necessariamente letrista) é incomparável. E, na maioria dos casos, "imusicável". Em raríssimos, como em "Go Back", até que a melodia dos Titãs, sobreposta aos versos, funciona. Mas é exceção. Torquato sabia fazer versos/letras que funcionavam até sem melodia. Ao mesmo tempo, o poeta compunha versos puros e perfeitos que, sobre eles, a música não cabe, sobra. Torquato bem sabia, como escreveu no belo e trágico "Literato Cantabile", que "toda palavra guarda uma cilada" ■

(\*) Jornalista, escritor e pesquisador em Comunicação.

# Que tudo se realize no ano que vai nascer

Clarisse Faria \*

*Ano Novo. Tempo de balanço, exame de consciência, reflexão. Não é raro as pessoas se sentirem mais tristes e melancólicas. Mas, creio que a maior parte da frustração é uma questão de foco. Claro, há tristezas inevitáveis, como por exemplo, a perda de um ente querido (“ano passado fulano passou o Natal conosco; nesse ano não se encontra mais entre nós...”). Todavia, na maioria das vezes, cavamos as nossas próprias decepções. Como? Traçando metas improváveis, aumentando as perdas e desacertos e diminuindo as conquistas.*

É inerente ao ser humano querer melhorar, progredir. E o Ano Novo costuma ser a data propícia para isso. Ótimo. Mas vamos com calma. Há certos progressos que não se conseguem realizar em apenas um ano.

Exemplificando: você está insatis-



REPRODUÇÃO

feito com o trabalho, mas anda sem disciplina para estudar, e aí traça a meta: “Ano que vem passarei num concurso melhor”. A menos que ocorra algum milagre, é frustração garantida. Reformule: “Ano que vem me organizarei para conseguir estudar pelo menos duas horas diárias”, ou então, canalize suas energias para uma outra área que lhe dê mais prazer. A chance de acerto é bem maior.

**“Não há nada melhor do que a serenidade do sentimento de dever cumprido. Faça a sua parte”**

Há também outros progressos - que acredito serem os mais importantes que não precisam (nem devem) esperar a virada do ano poderá ser tarde demais. Mudanças do tipo: melhorar o relacionamento com o chefe, consertar um casamento, ter mais paciência

com os filhos, cuidar melhor da saúde, resgatar uma amizade, se aproximar dos familiares – essas devem ser exercitadas diariamente, não precisam de hora marcada.

Sim, é preciso admitir que sobra ainda uma margem de mudanças que não dependem da gente. E é difícil ter o discernimento necessário para identificá-las. Contudo, se você reformular suas metas, pesar seus valores, focalizar nas vitórias já realizadas, dedicar-se a seus projetos, acreditar nos pequenos progressos diários, for mais tolerante e perseverar sempre, tenho certeza que no balanço do próximo ano a frustração não terá vez.

Não há nada melhor do que a serenidade do sentimento de dever cumprido. Faça a sua parte. No mais, só me resta desejar a você, caro leitor, boa sorte, e torcer para que todos os seus projetos (viáveis e dedicados) se realizem no ano que vai nascer ■

(\*) Servidora da Justiça Federal

# A (i) lógica do capital financeiro



Delman Ferreira \*

**A**os Diretores do Bradesco. Gostaria de saber se os senhores aceitariam pagar uma taxa, uma pequena taxa mensal, pela existência da padaria na esquina de sua rua, ou pela existência do posto de gasolina ou da farmácia, ou da feira, ou de qualquer outro desses serviços indispensáveis ao nosso dia-a-dia. Funcionaria assim: todo mês os senhores, e todos os usuários, pagariam uma pequena taxa para a manutenção dos serviços (padaria, feira, mecânico, costureira, farmácia e etc). Uma taxa que não garantiria nenhum direito extraordinário ao pagante.

Existente apenas para enriquecer os proprietários sob a alegação de que serviria para manter um serviço de alta qualidade. Por qualquer produto adquirido (um pãozinho, um remédio, uns litros de combustível e etc) o usuário pagaria os preços de mercado ou, dependendo do produto, até um pouquinho acima. Que tal? Pois, no outro dia saí de seu banco com a certeza que os senhores concordariam com tais taxas. Por uma questão de

equidade e de honestidade. Minha certeza deriva de um raciocínio simples. Vamos imaginar a seguinte cena: eu vou à padaria para comprar um pãozinho. O padeiro me atende muito gentilmente. Vende o pãozinho. Cobra o embrulhar do pão, assim como, todo e qualquer serviço.

Além disso, me impõe taxas. Uma "taxa de acesso ao pãozinho", outra "taxa por guardar pão quentinho" e ainda uma "taxa de abertura da padaria". Tudo com muita cordialidade e muito profissionalismo, claro. Fazendo uma comparação que talvez os padeiros não concordem, foi o que ocorreu comigo em seu banco.

Financiei um carro. Ou seja, comprei um produto de seu negócio. Os senhores me cobraram preços de mercado. Assim como o padeiro me cobra o preço de mercado pelo pãozinho. Entretanto, diferentemente do padeiro, os senhores não se satisfazem me cobrando apenas pelo produto que adquiri.

Para ter acesso ao produto de seu negócio, os senhores me cobraram uma "taxa de abertura de crédito" – equivalente àquela hipotética "taxa de acesso ao pãozinho", que os senhores

certamente achariam um absurdo e se negariam a pagar. Não satisfeitos, para ter acesso ao pãozinho, digo, ao financiamento, fui obrigado a abrir uma conta corrente em seu banco. Para que isso fosse possível, os senhores me cobraram uma "taxa de abertura de conta". Como só é possível fazer negócios com os senhores depois de abrir uma conta, essa "taxa de abertura de conta" se assemelharia a uma "taxa de abertura da padaria", pois, só é possível fazer negócios com o padeiro depois de abrir a padaria.

Antigamente, os empréstimos bancários eram popularmente conhecidos como "papagaios". Para liberar o "papagaio", alguns gerentes inescrupulosos cobravam um "por fora", que era devidamente embolsado. Fiquei com a impressão que o banco resolveu se antecipar aos gerentes inescrupulosos.

Depois que eu pagar as taxas correspondentes, talvez os senhores me respondam informando, muito cordial e profissionalmente, que um serviço bancário é muito diferente de uma padaria ■

(\*) Correntista do Bradesco

# Foucault e o Assédio Moral

David Gonçalves Soares \*

O pensador francês Michel Foucault descreveu em seu livro *"Vigiar e Punir"* que as sociedades modernas são essencialmente sociedades de disciplina. Segundo o intelectual, na passagem do século XVIII para o XIX, houve uma transformação nas relações de poder, quando os corpos humanos passaram a ser bombardeados com uma série de prescrições e determinações (instauração de horários rígidos programados, posturas e movimentos corporais "desejáveis", vigilância intensiva, etc.) que disciplinavam o indivíduo, internalizando um tipo de sujeição jamais verificado.

Os corpos para se tornarem disciplinados precisavam passar por processos de padronização e então se tornariam obedientes e produtivos. A utilidade e eficiência estavam, portanto, diretamente relacionadas à capacidade de docilização desses corpos. Foi assim que um tipo de poder, que rapidamente se disseminou em todos níveis da sociedade moderna, e cuja manutenção era garantida por meio de aparelhos e instituições (escola, quartel, presídio, hospital e fábrica), ao treinar corpos, conseqüentemente adestrava mentes e almas, e transformava as relações sociais e a vida humana nos seus mínimos detalhes.

Para nós, representantes do senso comum, parece óbvio que as disciplinas apresentam uma função específica e em certa medida essencial para a sociedade em que vivemos: maximização econômica, ganhos em força de produção, bem como em organização política. Todavia, ao enfatizarmos tais aspectos, nos esquecemos de analisar a "microfísica do poder" posta em jogo pelos aparelhos e instituições, que atravessam e influ-



REPRODUÇÃO

***“Tenho observado colegas do Poder Judiciário vivendo essa desigualdade real diante dos regulamentos comuns, numa estrutura que distribui privilégios debaixo de uma dissimulada máscara de igualdade”***

em diretamente nossas vidas.

As disciplinas representariam nada mais que um infra-direito. Ou seja, elas parecem fazer alcançar até um nível microscópico das vidas pessoais, as formas gerais e normatizantes definidas pelo Direito. Todavia, advertia Foucault, temos antes que enxergar nas disciplinas uma espécie de revés do Direito, um tipo de "contra-direito".

Mesmo que a disciplina seja subscrita por meio de um contrato ou lei, como é o caso dos servidores públicos,

regidos pela Lei 8.112/90 e seus regulamentos, os mecanismos internos que ela faz funcionar, e a desigualdade de posição dos funcionários frente ao regulamento comum opõem o laço disciplinar ao contratual-legal.

Tenho observado colegas do Poder Judiciário vivendo essa desigualdade real diante dos regulamentos comuns, numa estrutura que distribui privilégios debaixo de uma dissimulada máscara de igualdade. Essa situação tem tornado o ambiente de trabalho psicologicamente tenso e desestimulador. Por isso, acredito que é exatamente no âmbito desse poder disciplinar, e na assimetria que o acompanha onde se configura o chamado Assédio Moral, e é na discricção e sutileza desse tipo de poder, na sua "microfísica", que reside a dificuldade de se deflagrar a ação insidiosa dos chefes.

Como registrar um olhar hierárquico e abusivo, para que conste nos autos? Como registrar as pequenas ações, os sutis gestos, os pequenos mecanismos que ao exigir determinadas tarefas e posturas do servidor, o desqualificam como um funcionário de segunda classe? A problemática não é facilmente resolvida. Contudo deve-se registrar que a capacidade intelectual crítica e de ação (e neste âmbito, lembremos do suporte da instituição sindical) é e será essencial para diminuir os exageros do poder disciplinar, pelo qual somos um dos responsáveis. Como afirmava Foucault, se é verdade que a instituição disciplinar nos dá sempre um "chefe", é o aparelho inteiro que produz poder, pois todos nós compomos as suas engrenagens ■

(\*) Servidor do TRE-RJ

# Em apoio à autodeterminação e soberania do povo cubano e a todos os povos do mundo

Flávio Prieto\*

Vemos aproximar-se o fim de um ciclo e o despontar de um novo momento na história de uma pequena ilha do Caribe, logo ao sul dos Estados Unidos da América. Palco de heróicas batalhas há aproximadamente quatro décadas e meia, durante as quais, o seu povo demonstrou o valor e a determinação de não viver mais subjugado ou subordinado a qualquer projeto político que não fosse o seu, Cuba vive agora. Mas, o povo cubano acompanha a agonia de seu líder máximo, a angústia de uma dolorosa transição com duas veredas à frente: uma em direção a um socialismo mais centralizado e radical, ou, o caminho para um socialismo com concessões capitalistas (o que por si só já é um paradoxo).

Não há e nem houve, para o povo cubano, um líder como Fidel Castro. Não há e nem haverá para Cuba outra opção a não ser a de manter as rédeas de seu destino em suas próprias mãos, em qualquer caso. Os mesmos ideais que a doutrina Monroe proclamava, de que a América deveria ser para os americanos, isto é, de que as Américas deveriam pertencer e ser governadas por seus habitantes, estes mesmos ideais valem hoje para Cuba. O outrora inimigo potencial ou real, representado pelas nações européias colonialistas, agora, se converte no grande país ao norte de Cuba, país que já teve pretensões declaradas de anexá-la em fins do século XIX.

A clareza de pensadores como José Martí, que denunciaram esse intento, impediram que se tornasse realidade. País que já fora uma colônia espanhola, teve que emprestar para sempre uma parte de seu território aos "irmãos do norte" pela discreta ajuda bélica na luta de sua independência. Um preço, aliás, bastante alto e que hoje se tornou uma espécie de vergo-



***“Se a América deve ser dos americanos, Cuba deve ser dos cubanos – daqueles que lá vivem, e não de outros. Cuba é dos que semearam o seu solo, plantando o seu tabaco, a sua cana, e seu açúcar, “sus porotos y su maiz” ... e não daqueles que têm pretensões senhoriais sobre ela”***

nha internacional: a base militar americana de Guantánamo onde prisioneiros, sem lei nem justiça, são mantidos isolados, à revelia de tratados internacionais e dos protestos mundiais.

Se a América deve ser dos americanos, Cuba deve ser dos cubanos – daqueles que lá vivem, e não de outros. Cuba é dos que semearam o seu solo, plantando o seu tabaco, a sua cana, e seu açúcar, “sus porotos y su maiz” ... e não daqueles que têm pretensões senhoriais sobre ela.

Cuba é de seus pescadores, do povo que sofreu os embargos e passou fome por acreditar que o seu regime político era o melhor para sua gente. É do povo que optou por um projeto coletivo, e não individualista, de vida. Que acreditou que o ser humano é mais importante que a empresa capitalista. Que apostou no coletivo e acertou, tanto quanto pôde. Cuba e seu povo são soberanos para honrar seu passado e construir livremente seu futuro.

A liberdade de Cuba é essa: a de que os que lá vivem, segundo os princípios do Direito Internacional, possam escolher soberanamente seus novos representantes no caso da morte de seu líder e comandante máximo. Esperemos que os povos do mundo saibam dar ao povo cubano o apoio de que necessitará nessa hora fatídica. Apoio declarado e total. Esperemos que o mundo saiba se comportar com dignidade e respeito nesse momento. Pelo respeito à soberania cubana e ao direito de autodeterminação do todos os povos!

(\*) Diretor do SISEJUFE-RJ



# A sombra de Pinochet



Ariel Dorfman\*

**M**orreu verdadeiramente o general Augusto Pinochet? Apesar de não restar dúvida de que o seu corpo, comprovadamente mortal, já não conspurca com sua respiração o ar do meu país, receio que o ditador que mal governou o Chile durante tantos anos não vá nunca se extinguir desta terra. Para exorcizá-lo definitivamente teria sido necessário que fosse concluído, cada um dos inumeráveis processos por tortura e seqüestro, por roubos e assassinatos, que continuavam nos tribunais chilenos.

Seria necessário que Pinochet fosse obrigado a olhar, uma após outra, as faces dos familiares dos homens e mulheres que fez desaparecer. Teria sido necessário que ficasse só na morte em vez de que um terço cúmplice, recalcitrante e autoritário da população chilena chorasse sua partida e exigisse luto nacional; teria que ficar solitário e frio na morte, lamentado somente por seus amigos mais próximos e seus amigos íntimos. Mas, é tal o medo e a influência, que, ainda desperta este tirano supostamente mor-

to, que torceram de tal forma o sentimento comum da República. O medo e a influência conseguiram confundir de tal forma a ética dos políticos chilenos, que o governo democrático decidiu, de forma indigna e vergonhosa, que a ministra de Defesa, Vivian Blanlot, assistisse oficialmente os ritos fúnebres. Um governo presidido por uma mulher, Michelle Bachelet, a que o general Pinochet prendeu e atormentou, cujo pai matou!

A ministra da Defesa de um Chile democrático participando em uma homenagem a um terrorista internacional, o homem que assassinou José Tohá em um calabouço chileno e Orlando Letelier em uma rua de Washington e o ex-comandante em chefe do Exército chileno Carlos Prats González, em uma desprotegida avenida de Buenos Aires! Sinto que algo mudou categoricamente em meu país. Sabem disso milhares e milhares de chilenos que festejaram de forma espontânea a notícia da partida do general Pinochet deste mundo como se eles tratassem não de uma extinção, mas de um deslumbramento. Dançando nas ruas de Santiago,

eles repetiam incessantemente uma palavra: a palavra sombra. Lá se foi a sombra, diziam um homem e uma mulher sem terem combinado, sussurravam uns e outros e todos.

A sombra de Pinochet já não cai sobre nós. Como se os mil demônios de uma praga tivessem sido lavados do território nacional, como se entendêssemos que nunca mais o medo, nunca mais a sombra impura e poluída. Mas para estes festeiros, a maioria deles jovens, algo se tinha quebrado para sempre no momento em que deixou de bater o coração fosco de Augusto Pinochet.

Morreu verdadeiramente o general? Deixará alguma vez de contaminar cada espelho esquizofrênico da vida nacional? Deixaremos de ser alguma vez um país dividido? Por acaso terá razão aquela futura mãe, grávida de sete meses, que pulava de alegria no centro de Santiago quando proclamou aos quatro ventos que agora tudo ia ser diferente, porque seu filho ia nascer em um Chile sem Pinochet?

A batalha pela alma de meu país recém começa ■

(\*) Escritor chileno. O seu último livro é "Outros setembros".

## À morte de um canalha

Mário Benedetti

(Versão livre - Roberto Ponciano)

Os canalhas vivem muito,  
porém um dia morrem.  
Obituário com hurras!  
Vamos festejar.  
Venham todos  
Os inocentes  
Os injuriados que gritaram de noite  
Os que sonham durante o dia.  
Os que pisam descalços  
Os que blasfemam e ardem  
Os pobres congelados  
Os que querem a alguém  
Os que nunca se esquecem  
Vamos festejá-lo  
Venham todos  
O crápula morreu  
Acabou-se a alma negra  
O ladrão  
O porco  
Acabou-se para sempre  
Que venham todos a festejá-lo  
A não dizer  
A morte sempre apaga tudo  
Tudo purifica  
Qualquer dia  
A morte não apaga nada  
Ficam sempre as cicatrizes  
Hurra!  
Morreu o cretino  
Vamos festejá-lo  
Não chorar por vício  
Que chorem seus iguais  
E traguem suas lágrimas  
Acabou o monstro prócer  
Acabou-se para sempre  
Vamos celebrá-lo  
E não ficarmos fracos  
E não acreditar que este  
Seja um morto qualquer  
Vamos a festejá-lo  
E não tornamo-nos frouxos  
E não esquecer que este  
É um morto de merda

Poesia feita celebrando a morte de Ronald Reagan, mas que utilizamos para festejar o fim de Pinochet..



Mario Benedetti\*

Para matar o homem da paz  
para golpear sua face limpa de pesadelos  
tiveram que se converter em pesadelo,  
Para vencer o homem da paz  
tiveram que congregar todos os ódios  
e além disso os aviões e os tanques,  
Para bater o homem da paz  
tiveram que bombardeá-lo, torná-lo lama,  
porque o homem da paz era uma fortaleza  
Para matar o homem da paz  
tiveram que deflagrar a guerra turba suja,  
para vencer o homem da paz  
e calar a sua voz modesta e falante  
tiveram que empurrar o terror até o abismo  
e matar mais para seguir matando,  
para bater o homem da paz  
tiveram que assassiná-lo muitas vezes  
porque o homem da paz era uma fortaleza,  
Para matar o homem da paz  
tiveram que imaginar que era uma tropa,  
uma armada, uma hoste, uma brigada,  
tiveram que acreditar que era outro exército,  
mas o homem da paz era apenas um povo  
e tinha em suas mãos um fuzil e um mandato  
e eram necessários mais tanques mais rancores  
mais bombas mais aviões mais opróbrios  
porque o homem da paz era uma fortaleza  
Para matar o homem da paz  
para golpear sua face limpa de pesadelos  
tiveram que se converter em pesadelo,  
para vencer o homem da paz  
tiveram que se filiar sempre à morte  
matar e matar mais para continuar matando  
e condenar-se à blindada solidão,  
para matar o homem que era um povo  
tiveram que ficar sem o povo

(\*) Poeta uruguaio em sua homenagem ao presidente constitucional Salvador Allende, derrubado em 11 de setembro de 1973, por um sangrento golpe militar comandado pelo general Augusto Pinochet, demonstra concretamente que a história e a justiça são implacáveis. Podem eventualmente até demorar, mas acabam sendo feitas.

# Governo federal faz justiça com terras indígenas

*Krahô-Kanela puderam comemorar a vitória de uma luta iniciada há 30 anos. Foi publicado, no dia 8 de dezembro de 2006, no Diário Oficial da União, o decreto de desapropriação de 7.153 hectares de duas fazendas no município de Lagoa da Confusão, em Tocantins.*

Wladimir Platonov\*

O decreto, assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, autoriza a Fundação Nacional do Índio (Funai) a promover a desapropriação dos imóveis, que serão pagos com R\$ 8 milhões vindos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). O cacique Mariano Ribeiro Kraô-Kanela anunciou que as primeiras casas da nova aldeia já começam a ser erguidas.

– É uma alegria muito grande, poder voltar ao local em que nossos avós viviam – comemorou.

Os índios moravam até o momento

em uma casa, erguida sobre um antigo lixão, na cidade de Gurupi (TO). Segundo o cacique, os Kraô-Kanela tiveram que fugir, por volta de 1910, do município de Barra do Corda, no Maranhão, para não serem mortos pelos fazendeiros, que já naquela época invadiam e ocupavam as terras indígenas.

– Os brancos matavam muita gente e a nossa família (tribo) precisou fugir para não morrer – recordou.

O líder indígena só lamenta que, ao longo dos anos, a comunidade original, de 300 pessoas, foi se desfazendo, e, hoje restam apenas 86, que permaneceram juntas.

– Os outros foram se espalhando pe-

las periferias das cidades e se misturando aos brancos. Mas se eles quiserem retornar, serão bem-vindos, desde que sigam os nossos rituais e modo de vida – disse o cacique.

No dia 27 de dezembro do ano passado houve uma festa na nova aldeia, que contou com as presenças de representantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Funai, do Incra e do vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado, senador Paulo Paim (PT-RS), que intermediou a negociação da compra das terras com o governo ■

(\*) Repórter da Agência Brasil.

# América

## Novo projeto do fotógrafo Roberto Vámos

Um olhar diferente sobre a América - esta é a essência da exposição "América Nativa", que reúne 21 obras do fotógrafo Roberto Vámos, realizada recentemente na Galeria Vilaseca Leblon. As fotografias refletem a integração harmônica do ser humano com a natureza nos mais exóticos cenários do Brasil, Equador, México e Chile, como a Floresta Amazônica, o Deserto do Atacama e as ruínas de uma antiga cidade Maia. Vámos alcança em suas obras texturas singulares, semelhantes à pintura, através de recursos como a sobreposição de imagens. "As imagens selecionadas retratam uma América ainda bela, digna e nativa, onde as criações do homem se somam à beleza da natureza, em vez de anulá-la. Onde a dignidade de seus povos se reflete no semblante sereno e altivo de seus indivíduos. Uma América ainda não atropelada pelo rolo compressor da homogeneização globalizante?", destaca Vámos.

Usando pigmentos especiais para imprimir as imagens em papéis desenvolvidos especificamente para fotografias, com durabilidade muito maior que o processo fotográfico convencional, Vámos criou somente 30 cópias de cada imagem: 10 na dimensão 60cm X 90cm e 20 na dimensão 30cm X 45cm. Todas numeradas e assinadas pelo artista.

Roberto Vámos é um fotógrafo que viaja pelo mundo e retrata paisagens e pessoas de forma diferente, ao seu estilo. Carioca de pais húngaros, Vámos é também ambientalista formado em Política Ambiental pela Universidade de Stanford University (Califórnia, EUA), com Mestrado em Gerenciamento Ambiental pela Universidade de Yale. Com um extenso currículo de viagens, Vámos já fez expedições solitárias por vários continentes.



# a Nativa



# A direita, o ódio à esquerda e aos latino-americanos

Carlos Eduardo Martins \*

*A revista Veja de 13 de dezembro de 2006, cuja matéria central é do presidente Hugo Chavez não é brinquedo: pretende fazer um ataque devastador à esquerda latino-americana. Derrotada nas eleições no Brasil; em pânico com as vitórias esmagadoras de Chaves, Evo Morales, Rafael Correa e Daniel Ortega; e assustada com a força eleitoral dos movimentos sociais no México e no Peru, desenvolve uma variante de sua estratégia conservadora: já que as esquerdas se tornaram elemento dominante da política latino-americana, há que se dividi-las. O inimigo é apontado claramente: a esquerda nacionalista e "populista".*

Chavez é o maior representante dessa esquerda, já a boa esquerda... a de "mente aberta"... é a que aceita a "sacralidade dos contratos". O presidente Lula, justamente na semana que seguiu a sua avassaladora eleição, é trazido momentaneamente ao purgatório para a "salvação", desde que se separe das más influências. A revista não deixa dúvidas sobre a tarefa central: "os venezuelanos (sic!) já perderam a guerra contra Chávez. Ele precisa ser contido antes que consiga construir o socialismo e destruir mais países na América Latina".

A revista ataca a "Latino-americana: enciclopédia contemporânea sobre América Latina e Caribe", coordenada por mim, Emir Sader, Ivana Jinkings e Rodrigo Nobile em projeto de quase três anos, que reuniu trabalhos de 123 intelectuais dos mais destacados da região, em 980 verbetes e 1.450 páginas. Apesar de diversificada nas tendências e perspectivas de pensamento, a *Latino-americana* tem entre os seus "erros" o de não excluir a "má esquerda" e por isso é tratada como "energúmena" – ou em bom português, "possuída pelo demônio" – no blog de um dos principais articulistas da *Veja*.

Em seu ato de "exorcismo", a revista elabora uma "resenha" anônima da mesma e a coloca na seção de humor. A enciclopédia é qualificada como *o besteiro de Emir Sader*, cuja complexidade é capaz de ser apreendida por qualquer um que tenha o QI ligeiramente superior aos chimpanzés e às llamas. Na ilustração da resenha, dezenas de chimpanzés entre livros e computadores são apresentados com os autores, acusados de se banquetear com o patrocínio estatal e produzirem uma "piada petista".

Elegantes, éticos e vaidosos, os críti-

cos de QI superior cometem um primeiro equívoco: não sabem somar e multiplicar! Acusam de termos recebido US\$ 1.700 por verbete, mas apresentam o custo total como R\$ 2,23 milhões, soma inferior à multiplicação! Em uma revista tão precisa e isenta não sabem fazer operações básicas de matemática?!

**“Na ilustração da resenha, dezenas de chimpanzés entre livros e computadores são apresentados com os autores, acusados de se banquetear com o patrocínio estatal e produzirem uma ‘piada petista’”**

Dos 980 títulos, 80 dos quais ensaios de 40 a 80 mil caracteres sobre países e temas – em torno dos quais se organizam os verbetes menores – que abarcam de *Pensamento Social, Ciência e Tecnologia, Economia, Geopolítica a Cinema e Artes Plásticas*, a resenha se concentra em *Gastronomia e Culinária* e, neste âmbito, em *Feijoada* e *Cachaça*, para debochar de sua complexidade.

Está coerente! Na luta contra o nacionalismo, o latinoamericanismo e o "populismo", que significa *povo em ação*, o verdadeiro demônio é a cultura popular. Esse é o mais profundo pecado da "Latino-americana": contribuir decisivamente para a construção de identidades que rompam os hiatos que separam nossa região e impulsionem o protagonismo do latinoamericanismo, enquanto identidade aberta, mas soberana. ■

(\*) Doutor em Sociologia da USP e coordenador da "Latino-americana"

# As veias continuam abertas na América Latina

*O escritor e jornalista uruguaio, cidadão latino-americano, arquiteto da palavra, Eduardo Galeano, é um dos intelectuais de maior prestígio na América Latina.*

*Autor do clássico "Veias Abertas na América Latina", no ano de 1970, Galeano esteve no Rio de Janeiro e concedeu esta entrevista à **Idéias em Revista**, em que analisa questões atuais relativas à criação literária e temas relevantes da atualidade mundial. Galeano colabora em diversas publicações latino-americanas e a leitura dos seus textos é fundamental para o aprofundamento da nossa realidade, em mutação permanente.*

*Desta entrevista, além do editor do **Idéias em Revista**, Mário Augusto Jakobskind, participaram as jornalistas Maria Luíza Franco e Claudia de Abreu.*



Eduardo Galeano, arquiteto da palavra.

**IDÉIAS** – As veias abertas na América Latina estão mais abertas ainda do que há 36 anos quando você escreveu esse trabalho, ou não? O que mudou?

Galeano – Estive há pouco tempo,

há duas semanas, em Buenos Aires, parte da minha família está lá, eu estava caminhando, feliz, quando encontrei o Conde Drácula, tinha chegado da Transilvânia, estava recém chegado e eu achei ele estragadíssimo, não o re-

conheci. Mais morto do que vivo. Olhando o chão, caminhando com dificuldade, acabado o coitado do Conde Drácula. Ai perguntei para ele: O que acontece com você, Conde? E respondeu: Olha, estou aqui..., fazendo o que?

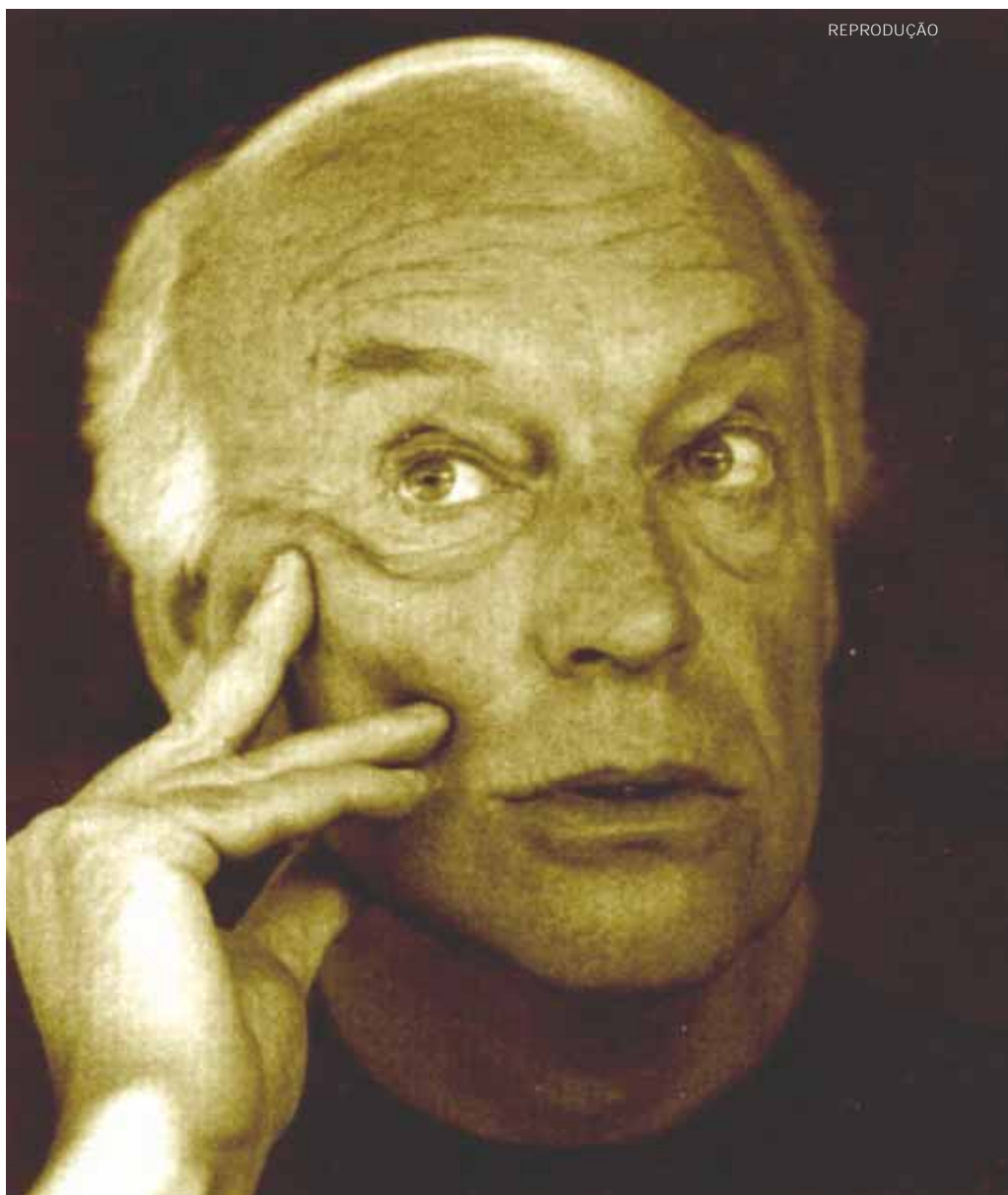
procurando um psicanalista. Dizem que aqui tem os melhores do mundo, olha, não sei se tem os melhores, mas tem muitos. Qualquer casa dessa, cada campanha tem um psicanalista. Mas para que você precisa de um psicanalista, Conde Drácula? – Eu tenho complexo de inferioridade incurável, mas vou tentar com ele, se alguém pode me salvar – Complexo de inferioridade por que, Conde? – Porque eu vejo como é que agem hoje as grandes corporações multinacionais, esses sim que são autênticos sanguessugas, isso eu fico... sei lá, achando que tem uma crise de identidade, de autoestima.

**IDÉIAS** – Agora, você percebe que as veias estão mais do que escancaradas na América Latina, você acha que essa realidade extrapola a América Latina? Essa realidade de que cada vez mais a América Latina está arrombada por essas empresas, por essas corporações, isso é um problema hoje que está percorrendo o mundo inteiro, ou está especificamente na América Latina?

Galeano – Não, é universal. Só que esse mundo que diz que é democrático, não é muito democrático, então esconde diferenças que vão crescendo a cada dia, ano após ano, o norte e o sul. Mas que se abre com uma tesoura, vai abrindo, abrindo, à distância dos que têm e dos que precisam. Os que precisam são cada vez mais, dos que têm, cada vez menos. E essa é a organização mundial. (risos) Não é uma coisa, triste, privilégio da América Latina ter essas injustiças terríveis. O mundo é muito injusto, é muito pouco democrático.

**IDÉIAS** – Você acha que precisa se discutir a democracia?

Galeano – Democracia é um tema possível, no mundo de hoje se fala o tempo todo em democracia. O mundo democrático... Democrático não é, se é, eu tenho as minhas dúvidas. Veja você, tem esse super governo agora agindo no mundo. Perdão. Os governos latino-americanos continuam governos governados. Governados pelos super-



**“A idéia é que a palavra pode ser um refúgio, contra o frio, contra a solidão. Que você pode escrever de tal maneira que vai construindo casas de palavras para dar refúgio, se não escrever não tem sentido nenhum”**

governos que estão aí agindo internacionalmente. Todos têm nomes, internacional, mundial. Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, o que não expressa o conjunto de países. Fundo Monetário Internacional, as decisões são tomadas por cinco países, sobretudo por um, que tem direito de veto.

**IDÉIAS** – Você está sendo apresen-

tado como escritor, jornalista e arquiteto da palavra. O que é ser um arquiteto da palavra?

Galeano – Não sei, nunca tinha escutado isso. Te agradeço muito porque acho que a intenção é visar mais ou menos como a gente tenta construir casas de palavras. Essa é a minha intenção, não sei se consigo ou não. Mas, a idéia é que a palavra pode ser um refúgio, contra o frio, contra a solidão. Que você pode escrever de tal maneira que vai construindo casas de palavras para dar refúgio, se não escrever não tem sentido nenhum.

**IDÉIAS** – Mais do que refúgio, você não acha que a literatura pode ser um meio de transformação coletiva?

Galeano – Também. Eu acho que sim, que pode, na medida que a palavra seja



**“Eu acho que a palavra pode ter um certo poder transformador. Não vai mudar o mundo, mas sempre tem influência grande. Os grandes livros de maior influência no mundo estão aí para demonstrar que a palavra não é inútil. A Bíblia, o Alcorão, o Capital, sei lá quantos”**

*capaz de continuar viva naquele que a recebe. Quer dizer, que se transforme. O leitor perfeito para mim, o meu grande amigo que foi Júlio Cortázar, falava do leitor passivo, e eu nunca concordei com ele. Que não, que o leitor é o leitor ativo, que recebe. São palavras que depois ficam sendo diferentes porque vão se transformando dentro do leitor. Então o leitor, a partir dos livros, um texto qualquer, aquela coisa trabalha dentro dele, vai alimentando a sua imaginação, a sua consciência, a sua capacidade de alegria e de dor também, de pensar, de sentir. Eu acho que sim, que a palavra pode ter um certo poder transformador. Não vai mudar o mundo, mas sempre tem influência grande. Os grandes livros de maior influência no mundo estão aí para demonstrar que a palavra não é inútil. A Bíblia, o Alcorão, o Capital, sei lá quantos.*

**IDÉIAS – A função do escritor não é só escrever por escrever. Ele está engajado no seu contexto social...**

Galeano – Sim, mas muito cuidado com isso. Eu não acredito nas palavras que não sejam nascidas de uma vontade de escrever, de um prazer de escrever. Mas se a consciência social não funciona... Eu sei por experiência, de você dar ordem à mão, a mão obedece. Obedece de um jeito que não dá, essa palavra é necessidade de vida. É aquela história, teve uma certa utilidade dentro dos limites do que seria a comunicação entre convencidos. Quan-

do você fala para quem pensa exatamente a mesma coisa que você. Aí, uma palavra que não corre risco nenhum. Nessa palavra não acredito. Acredito na palavra valiente, que vai, que tenta se dirigir às pessoas que são diferentes, diversas. Essa palavra tem que nascer do prazer de escrever. Se você não sente prazer escrevendo, não vai transmitir prazer a quem lê. Então, aquela literatura chatíssima, que tenha o mal costume de difundir, é uma literatura impossível. É uma literatura que convida não a sonhar, mas a dormir. Dormir sem sonhos nenhum, porque não nasce do prazer. Nasce daquele dever de consciência. “Eu devo me engajar para transformar a realidade”, daí a realidade fica imóvel. A realidade morre de rir. Isso que desejo para ficar horrível como eu sou. (risos)

**IDÉIAS – Qual você acha que é o papel do intelectual hoje, na América Latina?**

Galeano – Não sei. Eu nunca contesto esse tipo de programa porque quem sou eu para decidir o papel do intelectual. Eu só sei o que eu sei. Sempre que eu estou habitando uma realidade maravilhosa e horrorosa, que merece ser contagiada, que merece ser transmitida, comunicada, revelada porque coisas melhores e piores mais importantes da realidade não são visíveis. Você precisa chegar mais lá, no passado, no presente. Passado também, história real e uma história mentida, uma história que não está assim visível. A história oficial é uma coleção de mentiras onde heróis dizendo grandes frases que não são a verdade dos tempos passados. Essas terras nossas... Por quê? Porque a palavra que vale a pena escutar é a palavra dos desprezados. Tenho muitos bons amigos, intelectuais, que têm uma certa tendência a acreditar que o povo é mudo. Não se fala daquele que não tem voz. Voz temos todos. Todos temos alguma coisa digna que merece ser oferecida aos outros. Alguma palavra que mereça ser dita, alguma palavra que mereça ser escutada, celebrada ou ao menos perdoada. Então, o problema é saber escutar

*para saber falar. Sempre digo: é condição essencial escutar as vozes, as vozes jamais escutadas. São as vozes verdadeiras. Aí, você soma o passado latino-americano, passo ditado pelos machos, pelos brancos, pelos militares, e pela elite dominante. Cinco, dez, 50 pessoas. Então, a realidade de verdade é para mim uma fonte de tentação contínua. Que boa coisa para ser contatada..., que boa energia para ser comunicada, e a que vem dos outros, não escutados, das mulheres, dos negros, dos índios, dos pobres, dos civis. Daqueles que não estão, que não figuram aí. Nós pertencemos a nações que nasceram mutiladas. Então, elas têm uma cultura passada, literatura, que também está mutilada. Tenho a modesta intenção de contribuir para a recuperação dessas vozes perdidas.*

**“Uma coisa é liberdade de imprensa, uma outra é liberdade de empresa. Uma coisa é liberdade de expressão e a outra diferente, às vezes até inimiga da liberdade de expressão, é a liberdade de pressão”**

**IDÉIAS – Outra questão que a gente sempre discute, nós jornalistas e escritores, no mundo da comunicação. Como você vê hoje a mídia na América Latina, essa que tem até a sigla, Sociedade Interamericana de Imprensa, a todo momento fala que defende a liberdade de imprensa, etc e tal, como você vê esse quadro atual?**

Galeano – Sim, uma coisa é liberdade de imprensa, uma outra é liberdade de empresa. Uma coisa é liberdade de expressão e a outra diferente, às vezes até inimiga da liberdade de expressão, é a liberdade de pressão. Essa liberdade de pressão é exercida pelas grandes empresas dominantes nos meios de comunicação. Aí é preciso descobrir qual é a verdade das mentiras que cotidianamente você recebe ■

# O lado obscuro da Ong World Wildlife Foundation (WWF)

REPRODUÇÃO



Elsa M. Bruzzone \*

**A** Ong World Wildlife Foundation (Fundação da Vida Selvagem) assinala que, para o ano 2050, os recursos naturais do planeta serão insuficientes para abastecer uma população humana estimada em uns dez bilhões de seres. No fundo, eles afirmam que milhões e milhões de crianças, mulheres e homens sobram e sobrarão neste mundo. O WWF mente. A Mãe Terra tem capacidade para alojar essa população, sempre e desde que deixe de ser ferida de morte e depredada, como hoje. É agora ou nunca.

Por que afirmo que o WWF não defende a vida, mas na verdade advoga por uma cultura da morte? Pelo seguinte: O WWF foi fundado em 1971 pelos príncipes Felipe, do Reino Unido, e Bernardo, da Holanda (é bom lembrar que a Shell, empresa petrolífera, é uma estatal anglo-holandesa) com o suposto propósito de defender determinadas espécies de animais, como o urso panda. O informe elaborado pelo professor John Phillipson da Universidade de Oxford, a pedido da próprio WWF em 1989, de-

terminou que o que a instituição menos fazia era salvar as espécies que havia proposto salvar da extinção. Integram sua diretoria representantes das empresas multinacionais americanas e européias, organismos financeiros e econômicos internacionais e funcionários de diversos governos dos países mais ricos do mundo.

Na década de 1990, a WWF e a cervejaria Heineken, uma das multinacionais patrocinadoras da instituição, realizaram estudos que propunham a dissolução dos Estados nacionais europeus para dar lugar a um governo supranacional, manejado por essas corporações. Essa idéia foi abrigada na Constituição Européia, repudiada há um ano, pelos povos da França e da Holanda. O caso mais grave e patente foi o dos elefantes em Ruanda.

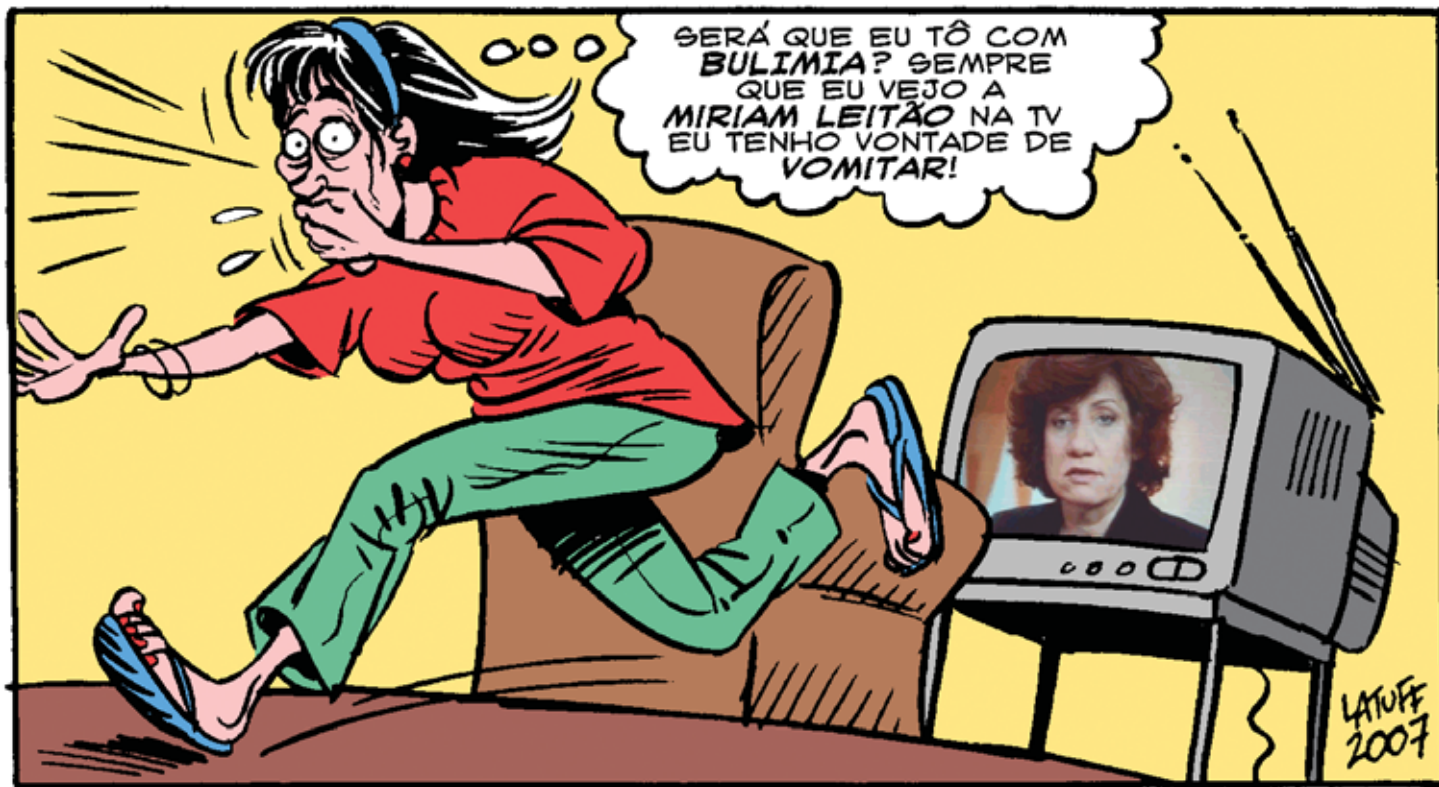
A African Wildlife Leadership Foundation, criada por Russel Train, presidente do WWF dos Estados Unidos, convenceu o governo ruandês da impossibilidade de proteger a elefantes e gorilas simultaneamente e, portanto, como havia muitos elefantes na África e na Ásia, e poucos gorilas, era conveniente matar os elefantes.

Uma assistente da bióloga especialista em gorilas Dian Fossey — cuja vida foi reproduzida em um filme chamado “Nas Montanhas dos Gorilas”, com Sigourney Weaver — e cujo assassinato não foi devidamente esclarecido, denunciou que os elefantes foram mortos porque as terras onde viviam eram ideal para o cultivo de Piretro, uma planta da família dos crisântemos. É daí que se obtém a piretrina, um inseticida natural não contaminante.

Quando foi descoberto um substituto sintético da piretrina, a produção de piretro acabou. O dano ambiental em Ruanda alcançou níveis trágicos e catastróficos. Os bosques perdidos para sempre, as encostas das montanhas, onde viviam os elefantes, perderam sua camada vegetal com a erosão, os rios foram assoreados, as inundações ocorreram com mais frequência, levando tudo pelo caminho, obrigando as pessoas do campo a engrossar as favelas das miseráveis cidades ruandesas ■

(\*) Professora, secretária-geral do Centro de Militares para a Democracia Argentina (Cemida) - Agência Argenpress.

# Miriam Leitão, a Controladora Geral da União



Paulo Henrique Amorim \*

O Bom Dia Brasil do dia 7 de dezembro de 2006 dedicou 13 minutos ao “caos aéreo”. Quando caiu o avião da Gol, o Jornal Nacional não noticiou. Mas, agora, a Globo parece especialmente preocupada com o “caos aéreo”. No Bom Dia, a âncora Claudia Bontempo, como sempre, desempenhou com entusiasmo o papel de vice-líder da oposição, em Brasília. A âncora, Renata Vasconcelos tem opiniões. E opiniões sobre o andamento da economia nacional.

Depois que a praça de São Paulo cometeu a impropriedade de levantar a remota possibilidade de, por acaso, por obra do destino ingrato, pela mão de Deus, quem sabe?, de alguns setores industriais, talvez, hipoteticamente, ganharem dinheiro em 2007, eis que Renata Vasconcelos, notória analista de sistemas macro-econômicos, teceu comentário arrasador sobre a hipótese mais provável: tudo vai dar errado, porque a maioria dos empresários, segundo Vasconcelos, não pensa como disse a precipitada repórter de São Paulo.

Chegamos à Controladora Geral da República, Miriam Leitão. É notável a capacidade da Controladora Geral de dar opinião sobre tudo. A controladora, no dia 7 de dezembro, não deu opinião sobre economia, porque, em seu lugar, Renata Vasconcelos deu o rumo definitivo aos destinos do empresariado nacional. Leitão, a controladora, falou, com a usual veemência, sobre o “caos aéreo”. Em seguida, sobre os salários do Judiciário.

Pouco importa, aqui, a múltipla opinião de Miriam Leitão, de Bontempo ou de Vasconcelos. Elas têm a opinião que o dono da empresa considerar adequada. O que me parece relevante a considerar é que o Brasil é único lugar do mundo – que conheço – em que a TV aberta, um serviço público, exhibe opinião sem dizer que é opinião. TV aberta tem que colocar uma legenda na telinha que diga “OPINIÃO” ou “EDITORIAL”, quando o dono da empresa quiser manifestar sua opinião. Seja através do âncora, do locutor em off, ou através de “colunistas” (que podem dizer o que quiserem desde que digam o

que o dono da empresa aprovar).

Por que eu, beneficiário de um serviço público, que quer saber sobre o tempo em São Paulo, ou sobre as saídas de vôos de Congonhas, tenho que me submeter à opinião de quem a Globo deu o poder ser a Controladora Geral da República? Opinião, tenho as minhas. O “colunismo” ou o “opinionismo” na TV aberta é um abuso de poder das redes de televisão, que operam por concessão. É uma desastrosa contribuição brasileira à civilização ocidental. Imaginem a Controladora Geral da República na BBC. Na CBS. Na CBC canadense???

“Opinionismo” ou “colunismo” é coisa para a TV paga. O freguês vai lá, paga e vê. Gostou? Tudo bem. Continua a pagar. Não gostou? Não paga mais. A família Marinho (através da Controladora Geral da República, da Claudia Bontempo, ou da Renata Vasconcelos) não tem o direito de enfiar a suas opiniões pela goela do freguês ■

(\*) Jornalista – texto tirado do blog Conversa Afiada

# Lula recebe movimentos sociais para discutir rumos do novo mandato

*Historicamente, a interlocução do governo com os movimentos sociais se concentrou nas reivindicações temáticas e específicas de cada organização. Representantes da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), que reúne o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a União Nacional dos Estudantes (UNE), entre outros, foram recebidos pelo Planalto, no dia 13 de dezembro, para participar de uma reunião com o presidente Lula.*

Jonas Valente \*

O encontro teve um novo caráter de relacionamento. De acordo com ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Luiz Dulci, os movimentos sociais trataram dos rumos do próprio governo. Dulci afirmou que o presidente evitou pontos específicos em prol de um debate “de fundo”. No entanto, este “novo momento” não foi apenas uma iniciativa do governo, mas mereceu destaque na própria carta entregue pelos movimentos ao presidente. O documento tem como centro a defesa de um novo modelo de desenvolvimento “que retire as amarras da dependência do capital internacional e financeiro, dos resquícios do neoliberalismo ainda presente na atual política econômica e, para isso, organize a produção e o Estado em benefício dos interesses da maioria da população”.

Para este novo modelo, recuperou-se o recorrente pleito das mudanças na política econômica. “Defendemos a necessidade de novos parâmetros para a política econômica, com a definição de metas de crescimento que contemplem pelo menos 5% ao ano, que tenha como centro de seus objetivos a distribuição de renda, a geração de empregos e a universalização dos serviços públicos de educação, saúde, transporte público, entre outros”, diz o documento.

Isso inclui a redução dos juros e do superávit primário, bem como o au-

**“Defendemos uma reforma política que realmente represente maior democratização do sistema de poder e representação em todos os níveis, como partidário, Legislativo, Judiciário e Executivo. Precisamos criar mecanismos concretos para que o povo possa participar e decidir”**

mento dos investimentos sociais, usando para isso a poupança de grandes bancos públicos como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil. Os presentes fizeram questão de ressaltar que os pontos apresentados não são meros compromissos retóricos, mas constituem um programa que orientará as disputas sustentadas pelas organizações. Exemplo disso, é a negociação sobre o aumento do salário mínimo.

Outro eixo do novo modelo de desenvolvimento é a ampliação da participação popular nos processos decisórios no âmbito do Estado. Esta noção, segundo o documento apresentado, deve permear a reforma polí-

tica, pauta do governo e do Parlamento em 2007. “Defendemos uma Reforma Política que realmente represente maior democratização do sistema de poder e representação em todos os níveis, como partidário, Legislativo, Judiciário e Executivo. Precisamos criar mecanismos concretos para que o povo possa participar e decidir”, diz a carta. Segundo João Paulo Rodrigues, do MST, os movimentos defenderam que a abertura existente nos conselhos consultivos fosse ampliada às instâncias deliberativas, como o Conselho de Política Monetária (Copom).

Um dos temas que deve gerar polêmica é a discussão sobre a ampliação da participação no Copom. A proposta dos movimentos é que trabalhadores e empresários possam ter assento no espaço e que nele passem a ser trabalhadas metas de crescimento e emprego. Segundo João Paulo Rodrigues, o “novo momento” entre governo e os movimentos sociais também será marcado pela tensão entre o diálogo e as mobilizações, na qual o termômetro será não mais uma aliança a priori, mas o acordo entre as ações da gestão e a pauta das organizações. – “Nós estamos disponíveis a construir uma agenda que possa trazer avanço para os trabalhadores. Caso contrário, o governo sabe que os movimentos têm força para botar gente na rua” –, apontou. Pressão não faltará ■

(\*) Carta Maior

# As perspectivas para a CUT em 2007

Neuza Pinto \*

**H**á uma crise do sindicalismo que não é recente. Tem raízes na própria desestruturação da classe trabalhadora, sob o impacto das políticas neoliberais nos anos 1990, e na crise política e ideológica da esquerda 15 anos atrás. A questão é: como responder a essa crise estrutural nesta conjuntura. A correlação de forças atual no movimento sindical repõe velhos problemas. As campanhas salariais foram marcadas, por um lado, pelos ganhos históricos da maioria dos ramos (reposição da inflação e aumento real) e, por outro, pelo tensionamento vindo do sectarismo esquerdista e da falta de habilidade dos comandos das campanhas em negociar internamente, em alguns casos.

## A tática da CUT para superar o neoliberalismo

O primeiro governo Lula impulsionou mudanças e avanços com um caráter popular, mas não conseguiu ir adiante em mudanças estruturais fundamentais. Para que isso se concretize é necessário que a CUT e os demais movimentos sociais se mobilizem e pressionem pela superação plena do neoliberalismo.

São de bandeiras a ser priorizadas pela CUT no atual período: aprovação de uma política nacional de valorização do salário mínimo; redução da jornada de trabalho sem diminuir os salários (40 horas semanais com regulamentação das horas extras); formalização do trabalho (retirar milhões de trabalhadores da informalidade, sem mexer no padrão de direitos já conquistados); alterações constitucionais para garantir a liberdade de organização sindical;

FOTO: SAMUEL TOSTA



**“Para garantirmo-nos como o principal símbolo das lutas pela emancipação da classe, precisamos ser ofensivos na visibilidade das nossas conquistas, da nossa história e na demonstração da nossa capacidade de convocação”**

instituição de mecanismos de democracia participativa; saúde do trabalhador; democratização dos meios de comunicação; e, uma nova relação dos governos com os servidores públicos.

Projeto Cutista:  
vamos atualizar a aposta

A maior central sindical do país necessita aprofundar e consolidar sua representatividade junto aos trabalha-

dores. Para garantirmo-nos como o principal símbolo das lutas pela emancipação da classe, precisamos ser ofensivos na visibilidade das nossas conquistas, da nossa história e na demonstração da nossa capacidade de convocação. A inovação nas formas de organização está na gênese do projeto cutista. Essa capacidade de reinventar os espaços de representação urge ser recuperada neste momento, dando respostas às massas de trabalhadores desempregados e reféns da informalidade, excluídos de direitos.

A CUT deve desenvolver uma visão de projeto de país. Na plataforma democrática aprovada no último Concut estão alguns dos seus componentes fundamentais e nela devemos identificar quais pontos devem ser trabalhados prioritariamente. A CUT deve afirmar sua autonomia frente ao governo e aos partidos, reforçar sua democracia interna para decisão e mobilização. O papel da central na conjuntura é defender os direitos e reivindicações dos trabalhadores e construir um vigoroso movimento em defesa do projeto democrático e popular.

Para isso, devemos desenvolver alianças com setores identificados com nossos objetivos, sejam eles parlamentares, governos, partidos políticos, outros movimentos sociais. Uma estratégia de fortalecimento da CUT deve passar por uma política de renovação da própria central, para adequá-la aos tempos atuais. A formação de alianças com outros movimentos sociais é elemento fundamental para os próximo ano na CUT.

Em 2007, juntos construiremos uma CUT forte e bastante próxima aos trabalhadores. Pois somente unidos podemos ganhar essa luta ■

(\*) Presidente CUT/RJ

# Neoliberalismo no futebol

Emir Sader \*

**N**a euforia mercantil que tomou conta do país há uma década e meia, surgiu a panacéia para o futebol (e para os outros esportes): “profissionalização” tornou-se a palavra mágica. Lei Pelé ou como ficou conhecida a lei, supostamente daria mais liberdade aos jogadores e melhor administração aos clubes. Mas o que aconteceu com os esportes – e, em particular o futebol? O que mais avançou não foi a melhoria na gestão dos clubes, nem suas finanças, menos ainda as instalações esportivas ou a formação dos jogadores e a consequente melhoria na qualidade do futebol. A principal mudança foi a passagem do reinado dos clubes para o dos empresários.

A mercantilização se estendeu até limites insuspeitos: camisas coalhadas de publicidade, fazendo desaparecer o distintivo dos clubes. Jogadores e treinadores que só dão entrevistas com bonés de patrocinadores. Jogadores que fazem gestos das empresas que os patrocinam quando fazem gol ou correm na direção das placas de publicidade dos seus patrocinadores e que deixam seus clubes no meio do campeonato por “propostas irrecusáveis” da Bielorrússia. E, mais grave ainda, jovens comprados e vendidos em terna idade, sem formação mental e física minimamente estruturada, levados para o exterior. Os jogadores se livraram da despótica lei do passe para se transformar em mercadorias nas mãos dos empresários.

Como se tivessem sido abolidos os grilhões da servidão medieval para que os jogadores se tornassem “livres” – com são “livres” os trabalhadores no capitalismo: têm que vender sua força de trabalho, por não ter meios próprios de sobrevivência. A liber-



REPRODUÇÃO

**“Para democratizar o futebol é preciso desmercantilizá-lo. É preciso democratizar os clubes, imprimir-lhes o caráter público”**

dade passou a ser a do empresário e a do capital. Os profissionais que passaram a ter poder não foram bons gestores, mas empresários, sem nenhum compromisso com os clubes. Então, estaríamos condenados aos Euricos Mirandas, aos Mustafas Contursis e outros do tipo?

Não necessariamente. No capitalismo se protege o direito do capital de buscar lucros da forma que conseguir, não há democratização possível, nem os clubes podem fazer alguma coisa diante da propriedade privada dos passes dos jogadores. Para democratizar o futebol é preciso desmercantilizá-lo. É preciso democratizar os clubes, imprimir-lhes o caráter público. Cuidar do Flamengo e do Corinthians – para tomar os dois clubes de maior torcida no Brasil – é uma função pública, que atinge a identidade, o estado de ânimo, produz alegria, sofri-

mento em milhões de pessoas.

Hoje, os clubes se interessam ainda menos em formar jogadores, porque rapidamente eles se tornam propriedade de empresários. Jogadores não têm mais nenhum apego ao clube em que jogam, já que podem agora jogar por dois clubes no mesmo campeonato. Alguns se orgulham de terem jogado em todos os grandes clubes do Rio e de São Paulo, tendo beijado as camisas, à que juraram amor eterno. Os trabalhadores não têm pátria no capitalismo, dizia Marx. São explorados igualmente pelo capital, não importando a fronteira, fenômeno que se estendeu ao futebol – com jogadores brasileiros participando da seleção de países de que não tínhamos ouvido falar.

A superação desse processo de mercantilização, de banalização, de conspurcação da identidade futebolística – das únicas identidades que permanecem, quando tantas outras (políticas, de gênero, nacionais, entre outras) entraram em crise – só pode se dar por políticas públicas no esporte que abranjam também os clubes. ■

(\*) Sociólogo e professor da Uerj

# Desenvolvimento com sustentabilidade

*O debate de fundo nesses últimos meses que antecederam o segundo mandato de Lula tem se referido ao modelo de desenvolvimento a ser perseguido. Inicialmente, é importante ressaltar que o ambiente que proporcionou a vitória no segundo turno foi o da afirmação de dois campos políticos em disputa. Por um lado, a candidatura Lula, que sustentou o combate ao neoliberalismo e a necessidade da retomada do crescimento econômico com distribuição de renda e inclusão social. Do outro, o PSDB-PFL defendendo o neoliberalismo puro.*

João Pedro Stédile, Temístocles Marcelo Neto e Pedro Ivo Batista \*

Assim, a vitória de Lula deixou claro que se abriu uma nova conjuntura política no país e que a sociedade, tendo os movimentos sociais à frente, querem mudanças nos rumos da política econômica e aprofundamento de políticas públicas que possam avançar na inclusão social e em um novo modelo de desenvolvimento.

**“Precisamos de um novo modelo de energia, que seja sustentável e renovável. Investimentos irresponsáveis já têm levado o nosso planeta a pagar um preço alto.**

Nesse sentido, nos somamos, como movimentos sociais, como central sindical, como via campesina, com aqueles que reivindicam as transformações. Mais além de ajustes na política econômica, com a redução do elevado superávit primário e a alocação de recursos nas áreas sociais, precisamos debater um novo projeto para o país, que atenda as necessidades da maioria do povo. Os problemas do povo são claros, precisamos de trabalho para todos, distribuir renda, terra, moradia e educação. Um projeto que seja responsável e sustentável social e ambientalmente.

Propomos então desenvolver com sustentabilidade. Isso significa que não queremos um crescimento econômico falacioso, que beneficie somente as classes dominantes, ou um “desenvolvimentismo”

que desconsidere o meio ambiente. A discussão de setores que apenas querem ganhar dinheiro sonha com obras, hidrelétricas, sem medir custos sociais e ambientais é que serão arcados por toda a sociedade, enquanto eles ficam com as margens de lucro.

Precisamos repensar o modelo agrícola baseado em técnicas predatórias irresponsáveis, que produzem alimentos com agrotóxicos e com alto custo ambiental. Precisamos de um novo modelo de energia, que seja sustentável e renovável. Investimentos irresponsáveis já têm levado o nosso planeta a pagar um preço alto. Basta lembrarmos as mudanças climáticas e seus impactos sem precedentes.

Não! O Brasil pode afirmar que um outro mundo é possível. Nossa diversidade biológica, cultural e étnica pode nos dar as condições objetivas para construir um novo modelo de desenvolvimento. Podemos criar um amplo mercado de massas, alicerçado em uma soberania alimentar, em uma agricultura ecológica e em uma indústria voltada para os interesses nacionais, incluindo as comunidades tradicionais, os sem-terra, os indígenas e as populações locais na construção desse novo modelo produtivo. Devemos também observar as diferenças regionais, desde o respeito aos ecossistemas locais até as culturas populares, proporcionando o desenvolvimento local sustentável ■

(\*) João Pedro Stédile, economista, é membro da direção nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da Via Campesina; Temístocles Marcelo Neto, sindicalista, é membro da executiva nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores); Pedro Ivo Batista é membro da Coordenação da Rede Brasileira de Ecosocialismo.

# O segundo governo Lula

REPRODUÇÃO



Laerte Braga \*

O presidente Lula tomou posse para um segundo mandato praticamente sem um partido político a sustentá-lo. O que vale dizer, sem qualquer compromisso com o “seu” partido, o PT. Uma coalização de legendas que vai da direita a, deixa para lá, vai tentar implementar um projeto Lula. Só isso, nada mais.

Essa fantástica capacidade da marca Lula sobreviver a todo um esquema da mídia e das elites paulistas para derrotá-lo credenciam-na, a marca, a tentar medidas que chama de “destravar” a economia para permitir o tal crescimento econômico. Ou seja, vai seguir os parâmetros do neoliberalismo, com discurso populista, manter os programas so-

ciais de efeito notável em sua recuperação depois de massacrado por mensalões, Rede Globo, Folha de São Paulo, Veja, etc. Lula tem consciência das dificuldades e obstáculos, até porque sabe que a partida para 2010 já foi dada nos dois principais estados da Federação. São Paulo e Minas Gerais, com os respectivos governadores: José Serra e o reeleito Aécio Neves. E como no Brasil tudo é possível, não é impossível que, no futuro, o próprio presidente, se escorre num desses dois, ou nos dois, para sustentar-se diante de pitt bulls do tipo PFL (já quase sem dentes) e PSDB (mais perigoso, pois não foi vacinado e baba de FHC mata em um segundo).

O presidente reeleito só terá ministério definitivo possivelmente em fevereiro. Vai esperar pela elei-

ção dos presidentes das mesas da Câmara e do Senado. Quer o que chama de “maior articulação com o Congresso”. Isso, trocado em miúdos, entre outras coisas, pode significar a volta de Severino Cavalcanti, primeiro suplente no seu partido e no seu Estado, Pernambuco. É óbvio que Dilma Rousseff permanece em qualquer circunstância, a não ser que não queira. E seria um desastre trocar o comando da política externa. Furlan quer sair.

Tarso Genro se conseguir morder a língua cada vez que abrir a boca e reduzir pela metade o monte de asneiras que fala, tem chances. O resto é incógnita, embora tenha lugar, onde quer que queira, o recém eleito deputado Ciro Gomes, apontado como candidato preferencial de Lula para 2010.

Renan Calheiros vai ser, ou já é, um dos homens fortes do esquema. Michel Temer parece estar em marcha batida para o governo. E se conseguir sustentar-se na presidência do PMDB.

No frígido dos ovos, o mundo institucional continua o mesmo. Não representa coisa alguma, não tem alternativas e nem saídas fora dos esquemas conhecidos, por menos ruim que Lula seja em relação a Alckmin, ou qualquer tucano. A saída é a preconizada por algumas importantes lideranças: o movimento popular. A real saída para o Brasil passa pelos sem terra, pelos sem teto, pelos desempregados, pela organização e pela luta popular. Fora isso vamos ouvir e ter que aguentar Paulo Salim Maluf falando em dignidade. E a fiscalização carregando pastinha para lá e para cá, cheia de papéis e vento. E o tal de corte de custos. Corta em cima, corta embaixo. ■

(\*) Jornalista





## Ninguém atura mais Alexandre Gracinha

*Para ser respeitado no Brasil, basta colocar um terno e um óculos. Eu não sei porque, mas quase todo "âncora" da Globo usa terno e óculos. Dá um ar de "respeitabilidade", de intelectual, mesmo que o sujeito só tenha lido três livros na vida, sendo que dois eram de Paulo Coelho... Alexandre Garcia é um destes tais. O hoje "democrata" começou sua carreira jornalística puxando o saco do general Figueiredo e mamando nas tetas da ditadura militar; era simplesmente do gabinete militar do João. Gracinha, mantendo sua coerência e sua vocação elitista, lutou para eleger e apoiou entusiasticamente o caçador de maracujás, Fernando Collor e, como prêmio por bons serviços prestados à nação, ganhou sua vaguinha no Império Globo.*

**B**em, mas esta é uma coluna de humor, por vezes de mau humor em ambos os sentidos, e ele não constaria daqui se não tivesse lá dito sua besteirinha também. Na verdade, não uma, mas algumas. Seguindo a mais feroz linha Arnaldo Jabour do Neo-Macarthismo, Alexandre Gracinha responsabilizou e criminalizou o PT pelos atos cometidos pelo MLST. Até aí, necas, afinal, toda a direita correu para fazer o mesmo.

Mas, o pior é que mentiu deslavadamente, porque relembrou do seqüestro de Abílio Diniz, em 1989, que ajudou a imputar ao Partido dos Trabalhadores e que, já foi provado tal ligação era um factóide. Porém, sua sanha anti-popular não

pára por aí. Ele quer a volta do voto censitário... Se der corda ele defende a volta da escravidão e parte logo para contratar uns cinco escravos domésticos.

Sim, ressuscitando o tempo do Império, no qual só os homens de bens votavam, Gracinha defende, aproveitando o argumento fascistóide de um tal de Nemer Sanches, que haja uma prova para eleitor. Prova? E quem vai ser o gênio que criará os critérios? Tomara que não seja este anta, quer dizer, âncora da Globo... Para ele analfabeto não pode votar. Mas pode trabalhar e pagar imposto. A pergunta imbecil é, porque em lugar de acabar com o voto do analfabeto não se acaba com o analfabetismo?

Mas, daí, donde o seu Gracinha vai

conseguir seus futuros escravos domésticos. Fico imaginando tal prova... Como seria... Aliás, eu queria ver estes gênios que papagaiam na Globo fazendo qualquer concursinho público borra-botas, ah, isto eu queria...

Concurso para jornalista de televisão... Já imaginaram? Estes pseudo-intelectuais, fãs de Sandy e Paulo Coelho suando, quase se cagando fazendo uma provinha besta?

Aposto que não chegavam aos 10% de acerto... O primeiro emprego a ser cassado seria o do tal Gracinha... E ia ter de voltar a puxar o saco dos Collors e ACMs da vida. ■

(\*) Escritor, alcoólatra, hipocondríaco, escreve de graça para esta coluna por falta de coisa útil para fazer.



# Prisão de Muñoz: violência contra o jornalismo independente

Mário Augusto Jakobskind

**F**redy Muñoz, correspondente da Telesul em Bogotá, esteve preso durante 52 dias, sob a absurda acusação de terrorismo. Ele foi detido no Aeroporto de Bogotá quando retornava de Caracas, onde participou de um curso para o aprimoramento dos jornalistas do canal interestatal (Venezuela, Argentina, Uruguai, Bolívia e Cuba) de integração latino-americana. Muñoz tinha saído normalmente do país onde é profissional de imprensa há vários anos.

A libertação de Muñoz, ocorrida no dia 9 de janeiro, foi tomada, segundo informaram seus advogados, com base em uma série de irregularidades no processo, que vão desde a própria prisão até a convocação de "testemunhas marionetes". Um dos testemunhos denunciou que estava sendo pressionado para depor contra o jornalista, a quem nem

**“Em várias partes da América Latina, entidades jornalísticas e de defesa dos direitos humanos se manifestaram exigindo a imediata libertação de Fredy Muñoz”**

conhecia. O processo contra Muñoz continua. Há temores de que grupos paramilitares atentem contra a vida do jornalista. Existem precedentes nesse sentido de presos libertados pela Justiça e posteriormente assassinados.

Na verdade, a prisão do jornalista significou, de fato, uma violência contra um tipo de jornalismo, independente, livre e crítico, como o exercido pela Telesul, o canal de integração latino-americano. A acusação das autoridades colombianas

de que Muñoz participou anos atrás de atividades promovidas pela guerrilha que luta por justiça social não tem o mínimo fundamento, não se sustenta. Mais estranho ainda é que a prisão aconteceu anos depois da acusação formulada por testemunhas suspeitas e com o visível objetivo de indispor a Telesul na Colômbia.

Muñoz, vale registrar, é um jornalista independente, de 36 anos, que já tinha sido repórter em vários órgãos de imprensa do país e era considerado uma das maiores revelações da nova geração de jornalistas colombianos.

Em várias partes da América Latina, entidades jornalísticas e de defesa dos direitos humanos se manifestaram exigindo a imediata libertação de Fredy Muñoz. Aqui no Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal divulgaram notas de solidariedade ao correspondente da Telesul em Bogotá. ■

# Apartheid: Israel adota o que a África do Sul deixou

John Dugard \*

Acompanhando o movimento mundial anti-apartheid, poderíamos esperar um esforço internacional semelhante unido em oposição ao odioso tratamento dado aos palestinos. Em vez disso, vemos uma comunidade internacional dividida entre o Ocidente e o resto do mundo. O Conselho de Segurança da ONU é impedido de agir devido ao veto dos EUA e à abstenção da União Europeia. O novo livro do ex-presidente Jimmy Carter "Palestine: Peace Not Apartheid" (Palestina: paz e não apartheid) acende uma controvérsia devido a sua alegação de que Israel pratica uma forma de apartheid.

O apartheid era um sistema de discriminação racial institucionalizada, que a minoria branca empregava na África do Sul para manter o poder sobre a maioria negra. Caracterizava-se por negar aos negros seus direitos políticos, por fragmentar o país em áreas para brancos e áreas para negros (chamadas bantustões), e por impor aos negros medidas restritivas, com o objetivo de implementar a superioridade branca, a separação racial, e conseguir segurança para os brancos.

Os territórios palestinos: Jerusalém oriental, a margem ocidental e Gaza têm estado sob ocupação militar de Israel desde 1967. Embora seja tolerada e regulamentada pela legislação internacional, a ocupação militar é considerada um regime indesejável, que deve ser terminado o mais depressa possível. A ONU por quase 40 anos tem condenado a ocupação militar de Israel, junto com o colonialismo e o apartheid, como sendo contrários à ordem pública internacional.

Em princípio, o objetivo de uma ocu-

pação militar é diferente do objetivo do apartheid. A ocupação não é planejada para ser um regime opressivo de longo prazo, mas como uma medida provisória que mantém a lei e a ordem num território após um conflito armado e até que haja um acordo de paz. Mas esta não é a natureza da ocupação israelense da Palestina. Desde 1967, Israel impõe seu controle sobre os territórios palestinos como se fosse um poder colonial, sob a aparência de ocupação.

O método israelense tem muitos aspectos de uma colonização. Ao mesmo tempo, tem muitas das piores características do apartheid. A margem ocidental foi fragmentada em três áreas: Norte (Jenin e Nablus), Centro (Ramallah) e Sul (Hebron), que cada vez mais se parecem com os bantustões da África do Sul.

As restrições à liberdade de movimentos impostas por um rígido sistema de licenças, cuja obrigatoriedade é reforçada por uns 520 pontos de checagem e barreiras nas estradas, se parecem com o sistema de passes do apartheid, mas em sua severidade vão bem além dele.

A destruição em larga escala praticada por Israel, o arrasamento de terras de agricultura, as incursões militares e assassinatos de palestinos escolhidos como alvo excedem de longe quaisquer práticas semelhantes ocorridas na África do Sul nos tempos do apartheid. Nenhum muro foi jamais erguido para separar negros e brancos. Mas, sim para o povo palestino por ter eleito, de modo democrático, um governo considerado inaceitável por Israel e pelo ocidente. ■

(\*) Professor de direito que leciona na Holanda. Atualmente é relator especial sobre a Palestina para o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas.



# Escritor acha que houve um golpe de Estado petrolífero no 11 de setembro\*

**N**os Estados Unidos, a mentira é a língua corrente da nação, segundo o famoso escritor norte-americano Gore Vidal, que fez recentemente uma visita de cinco dias a Havana.

– Não há mentira que o nosso governo não nos conte quando fala de Cuba – disse Vidal em uma entrevista ao jornal “Juventud Rebelde”, que o define como o mais corrosivo crítico do atual governo republicano de George W. Bush. Vidal entende que em 11 de setembro de 2001 (quando se produziram os atentados contra as Torres Gêmeas) “houve um golpe de Estado nos Estados Unidos, o primeiro em nossa história”.

– Um golpe no qual um grupo de gente desonesta de uma junta petrolífera usurpou o poder do Estado e jogou abaixo o Congresso. É um fato único e os detalhes vão formar algum dia uma grande história – previu. Neste contexto, estimou que “as sanções contra os norte-americanos que querem uma relação normal com Cuba são filhas destas circunstâncias”.

Perguntado sobre os cinco jovens cubanos que há oito anos estão presos nos Estados Unidos e foram vítimas de um intrincado processo judicial, afirmou que “nos encanta prender as pessoas, tanto como gostamos da pena de morte. É a estrela mais brilhante de nosso sistema solar”. Vidal acrescentou que “temos um país louco por tortura, por assassinato, por execuções, por sentenças para prisão perpétua”. – É uma mentalidade perversa, influenciada pelo puritanismo protestante – explicou Vidal, que é também considerado como o escritor norte-americano mais erudito de sua geração.

– Entendo que o presidente (Bill) Clinton e o presidente (Fidel) Castro trocaram mensagens para deter os



**“Eles são especialistas em fabricar os pretextos para criar pânico. Há muita gente nos Estados Unidos que ganha dinheiro graças ao temor. Esse é o seu trabalho: assustar”**

terroristas de Miami que tinham colocado bombas em hotéis e escritórios de empresas que enviavam turistas à ilha. Ambos estavam de acordo que esta situação deveria parar. Clinton pediu ao FBI (Escritório Federal de Investigações dos Estados Unidos) que fosse a Cuba e Castro concordou. Em vez de prender os terroristas, o FBI prendeu os cubanos – lembrou.

Sobre a eleição de George W.

Bush, como inquilino da Casa Branca, ele considerou que “se o povo estadunidense tivesse tido uma verdadeira imprensa livre e alguns meios de comunicação alertas, jamais este homem teria sido eleito”.

Assegurou que o governo Bush é tão extremista e há pessoas com as mentes tão vazias, que seriam capazes de começar a bombardear a Rússia, o Irã, simplesmente para desviar a atenção de outra guerra (no Iraque) para que o governo não caía antes do tempo.

– Eles são especialistas em fabricar os pretextos para criar pânico. Há muita gente nos Estados Unidos que ganha dinheiro graças ao temor. Esse é o seu trabalho: assustar – finalizou. ■

Entrevista de Gore Vidal ao jornal cubano Juventud Rebelde

# Argentina recupera ex-centro clandestino\*

REPRODUÇÃO



Argentinos tiveram que sair às ruas e enfrentar a polícia para conseguir valer os direitos humanos.

**D**esde 1983, os governos da Argentina têm se negado a entregar o espaço em que, durante a ditadura militar, funcionou o Departamento de Inteligência da Polícia de Córdoba. Agora, o governador José Manuel de la Sota, não por suas convicções mas por causa do temor de que o local seja ocupado pela militância, cedeu o edifício, localizado no Passeo Catalina, contíguo ao Arquivo Histórico, bem no centro da capital mediterrânea.

A cessão foi aprovada por lei em março do ano passado. Mas, só nove meses depois se cumpre integralmente. A partir de agora, a Comissão Provincial da Memória e os integrantes da Comissão de Notáveis, composta por Sonia Torres (presidente das Avós da Praça de Maio), Juan Enrique Villa, (ex-secretário geral do Sindicato da Perkins e da Direção Nacional dos Sindicatos em Luta nos Anos 70), Carlos Alonso (artista plástico), Guillermo Mariani (sacerdote) e Santiago D´Ambra (de Familiares e Presos por Razões Políticas), têm a missão de concretizar crônicas de vida, onde antes

reinou a morte. Precisamente, a primeira coisa que pediram foi a entrega dos arquivos policiais, guardados com cuidado pelos governos anteriores.

Nesse edifício, que ainda mostra em seu interior as celas e os lugares de torturas, que culminavam com o assassinato de dezenas de combatentes, se transformará em um local de portas abertas à memória, a novos projetos políticos e sociais. Horas antes da abertura, os organismos de direitos humanos, com a presença de cerca de mil ex-presos políticos e suas famílias, de representantes de organizações sociais, estudantis, camponesas, entre outras, inauguraram um monumento aos fuzilados na penitenciária. Entre 30 de abril e 11 de outubro de 1976, foram assassinados Eduardo Bartoli, Miguel Mozé, José Svagusa, Luis Verón, Eduardo Hernández, Diana Fidelman, Ricardo Yung, Carlos Sgandurra, José Puchetta, Claudio Zorrilla, Miguel Barrera, Mirta Abdón, Esther Barberis, Marta Rossetti de Arqueola, José Funes, Raúl Bauducco, José Moukarzel, Miguel Vaca Narvaja, Higinio Toranzo, Gustavo de Breuil,

Ricardo Tramontini, Liliana Páez, Florencio Díaz, Pablo Balustra, Jorge García, Oscar Hubert, Miguel Ceballos, Marta González de Baronetto e, em julho de 1978, Osvaldo de Benedetti.

Muitos deles fuzilados fora da prisão, tirados do local com a cumplicidade dos juízes, os mesmos que depois validavam os comunicados de imprensa do Exército argentino, em que falavam de “enfrentamentos” ou “tentativas de fuga”. E outros, com tiros na nunca ou esfaqueados nos pátios do cárcere, no inverno de 1976, completaram a prática do terror de Estado, cujos responsáveis materiais e intelectuais gozam de liberdade, graças a leis de impunidade e a chamada morosidade dos julgamentos depois da sua revogação. Nesse sentido, cabe recordar um dos trechos do documento dos filhos das presas e presos políticos, fuzilados na penitenciária: “A democracia foi generosa com os assassinos”, fazendo referências às leis de impunidade revogadas por força da luta ■

(\*) Agência Adital

# No fim da história o índio morre



Fausto Wolff

**A**lém da superfície em que vivemos há duas camadas celestes e uma subterrânea. Antes dessa disposição, um marido, indignado com um insulto da esposa, começou a cantar, a fumar e a sacudir o chovalho. De repente, o solo de pedra se ergueu e formou a abóbada celeste. Um pessoal conseguiu se agarrar na pedra enquanto ela subia. Esses se tornaram deuses. Não demorou muito e outra pedra começou a subir e ultrapassou a primeira. O pessoal que conseguiu se agarrar nesta foi morar bem no alto, no céu vermelho.

A terra, agora sem pedras, se dissolveu na água e quase todos os homens, mulheres e crianças foram comidos por uma piranha e por um jacaré muito grandes. Apenas dois homens e uma mulher se salvaram e decidiram morar em cima de uma babaceira. Outros e outras que submergiram e não foram comidos, passaram a habitar umas ilhas de um grande rio no mundo inferior.

Apenas um sol ilumina os diferentes patamares mas cada patamar tem

suas estrelas e sua lua. A lua, pelo menos a que nos ilumina, é um ser masculino que faz as mulheres menstruar porque não transou com elas. O sangue delas pode ser visto ocasionalmente no céu como um halo vermelho.

O luo sofre muito pois todos os dias um espírito feminino corta um pedaço dele. Quando esse espírito acha que acabou com o luo, ele volta ao seu tamanho natural e ela começa a fatiar-lo outra vez.

Há um caminho que vai da babaceira ao centro da primeira camada superior. É o das almas que já se transformaram em deuses quando visitam a terra. Outro caminho vai dar no primeiro céu. É o caminho das almas dos que acabaram de morrer. O aumento do número de mortos vai fazer a primeira pedra ficar muito pesada e ela vai cair matando muita gente.

Tão ou mais bonitas que esta existem ainda centenas de histórias da criação do mundo contadas por índios sobreviventes em todo o Brasil. Quando eu tinha quatro anos e morava na colônia Buriti, no Rio Grande do Sul, um indiozinho que ia comigo à escola alemã (era a única no distrito) contou-me uma história parecida. Na dele, se

não me engano, o marido chegava em casa bêbado e a mulher corria para cima de uma árvore que se levantava para os céus. Ele viera do Uruguai com a família que tinha uma roça perto da casa do meu avô. Dizia que era descendente de Charruas. Mais tarde soube que haviam dizimado todo seu povo 50 anos antes.

Essas histórias estão diminuindo porque no Brasil inteiro matam índios à paulada, facada, tiro, veneno enquanto estupram índias em nome da ganância e o governo não faz nada porque os fazendeiros, os mineiros, os latifundiários são ricos e influentes. Muitos índios escapam para a cidade onde viram mendigos, carregadores de malas, flanelinhas. Mesmo aqueles que vêm à cidade para alguma reunião correm perigo como o coitadinho que foi incendiado por filhinhos de papai em Brasília. Os pais desses adolescentes tinham amigos influentes e os garotos estão em liberdade. Agora mesmo li nos jornais que só em 2005 assassinaram, pelo menos oficialmente, 46 índios e estupraram mais de cem índias. Por baixo do pano, o número é bem maior. ■



# Unimed

**PLANO DE SAÚDE** - O SISEJUFE-RJ oferece para seus associados, dependentes e agregados, com pagamento consignado em folha, um Plano Empresarial de Saúde Unimed, através da Vectorial Corretora. Ampla credenciamento inclusive no interior e os melhores preços do mercado. Informações pelos telefones 21580558 ou 21580559. Ver a tabela no portal <http://sisejuferj.org.br>.



**O SISEJUFE-RJ** firmou convênio com a Universidade Estácio de Sá, para os cursos de graduação, cursos do Instituto Politécnico, pós-graduação "lato sensu", para os servidores associados e seus dependentes.

Visando o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do potencial do ser humano, tornando-o capaz de se inserir na sociedade, dentro de suas novas exigências e seus novos paradigmas. Maiores informações: [www.estacio.br](http://www.estacio.br) ou Central de Atendimento (21) 25630000.

A portrait of Karl Marx, showing his characteristic long white beard and hair, looking slightly to the right. The background is dark and textured.

# Curso de Marxismo do SISEJUFERJ

A atualidade do pensamento  
marxista começa no dia 5  
de março de 2007

## **Sindicato está contratando professores.**

Aulas serão semanais, a partir do dia 5 de março de 2007,  
sempre às segundas-feiras, na sede do SISEJUFE-RJ,  
Av. Presidente Vargas, 509 – 11º Andar.

## **Matrículas abertas**

Inscrições no e-mail [formacao@sisejuferj.org.br](mailto:formacao@sisejuferj.org.br) ou no fone 2215-2443  
Informações com Roberto Ponciano: 9189-9746

Alunos sindicalizados do SISEJUFE pagam somente o material (apostila).  
Alunos de outros sindicatos ou do movimento social: 20 reais por aula, pagos pelo  
sindicato ou pelo aluno.  
Alunos não pertencentes ao movimento sindical e social, 35 reais por aula.

Sindicatos interessados, entrar em contato com Márcia, no SISEJUFE, telefone 9189-  
9920, ou no endereço eletrônico: [marcia@sisejuferj.org.br](mailto:marcia@sisejuferj.org.br).

**CURSO COMEÇA DIA 5 DE MARÇO. INSCREVA-SE JÁ!**  
[formacao@sisejuferj.org.br](mailto:formacao@sisejuferj.org.br)